

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

ISADORA FRAGA RIBEIRO

ESPAÇO DA ARTE
A transformação do aluno de teatro em professor

Porto Alegre

2019

ISADORA FRAGA RIBEIRO

ESPAÇO DA ARTE

A transformação do aluno de teatro em professor

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Morteo Éboli

Porto Alegre

2019

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Ana, por todo o carinho e dedicação, nunca faltando à uma apresentação, por sempre se dispor a costurar figurinos, confeccionar cenários e incentivar a arte em mim.

Ao meu pai, Fernando, que sempre se dispôs a me levar em cada ensaio, a transportar todas as minhas sacolas de figurinos e objetos cênicos e apoiar o meu lado empreendedor.

Ao meu irmão Fernando, por sempre estar do meu lado, fomentar as minhas ideias e incentivar o meu sonho de trabalhar com o que amo.

Aos Caio Lopes, meu porto-seguro, por ouvir as minhas preocupações, me abraçar sempre nas horas certas, pelas palavras de conforto e por ter se disposto a editar o documentário parte dessa pesquisa.

Ao Espaço da Arte por ter me formado aluna, atriz, espectadora, monitora e professora e ter me proporcionado a uma das melhores sensações da minha vida: estar no palco.

À Cíntia, Gustavo, Caroline, Maiara, Fernando, Fernanda, Gabrielle e Daiane por terem aceitado fazer parte desse trabalho, compartilhando uma parte de suas vidas comigo.

À Maria Paula Corrêa pela atenção e documentos que enriqueceram essa pesquisa.

À Fernanda Bon, pela aprendizagem, carinho, companheirismo e angústias divididas, o exemplo de professora que levo comigo sempre.

À minha orientadora Luciana Éboli, que foi sempre muito atenciosa e compreensiva, me aceitou de alma inteira e acreditou em mim desde o início.

A todos os meus professores do DAD, da FACED e do curso de Dança da UFRGS, pelos ensinamentos que construíram a profissional e pessoa que sou hoje.

Aos meus professores de teatro do colégio, Fernando Tepasse, Denisson Gargione, Pâmela Irion e Vera Giorgetta, por acreditarem nos seus sonhos e me fazerem acreditar que poderia ser o meu também.

Ao Breno Gómez, por ser meu amigo em todos os momentos e ter confiado no meu trabalho ao aceitar ser meu monitor.

À Sabrina Machado e Thaini Menegazzo por serem amigas indescritíveis que levo no meu coração, presentes dessa jornada na universidade.

Aos meus amigos Júlia Zilles, Rafael Labandeira, Brenda Petró, Felippo Biffi, Júlia Pletsch e Eduarda Kafer, por serem grande amigos, pelo apoio na decisão de entrar nesse curso e por estarem na plateia com todo o amor do mundo.

À Laís Rocha e Giovanna Domingues pelo apoio e amizade de anos.

Aos governos Lula-Dilma e à luta pela educação pública, gratuita e de qualidade.

À barra 16, pela união nos momentos difíceis e nos momentos felizes também.

Ao Steffano e Mai, que não puderam chegar até aqui comigo e deixam saudades.

Aos meus alunos, por todo o meu amor.

RESUMO

A história do ensino de teatro na associação Espaço da Arte, que trabalha com arte educação com crianças, jovens e adultos do interior e da região metropolitana do Rio Grande Sul há 15 anos, é o tema dessa pesquisa, que tem como objetivo principal compreender o processo de transformação do aluno de teatro em professor na referida instituição. A partir da metodologia da história oral, oito arte educadores têm suas trajetórias artísticas investigadas. Ao traçar um panorama histórico e cultural do Espaço da Arte, entrevistas e análise de documentos são instrumentos para a reflexão sobre o ensino do teatro em oficinas, suas metodologias e a relação com seus alunos. A pesquisa é organizada abarcando os conceitos de memória e história oral.

Palavras-chave: arte-educação; ensino de teatro; memória; história oral.

ABSTRACT

The history of theater teaching in Espaço da Arte association, which works with art education with children, young and adults from the interior and metropolitan region of Rio Grande do Sul for 15 years, is the theme of this research, that has the principal objective understand the process of transformation from teather student to teacher in that institution. From oral history methodology, eight art teachers have their artistic trajectories researched. To sketch an outlook historical and cultural of Espaço da Arte, interviews and documents análisis are instruments for the reflexion about the theater teaching in workshops, their methodologies and the relationship with their students. The research is organized to include the concepts of memory and oral history.

Key-words: art-education; theater teaching; memory; oral history.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Peça Cindy, A Gata Borracheira (2007)	15
Figura 2: Peça O Mundo Perdido do Beleléu (2011)	16
Figura 3: Peça (2013)	17
Figura 4: Foto Oficial dos “bixos” do curso de Teatro em 2016/1	18
Figura 5: Eu, Cíntia e Gustavo em Bom Princípio na frente da casa da Cíntia.....	28
Figura 6: Eu e Caroline em Estrela na frente da Casa de Cultura.....	28
Figura 7: Eu e Maiara em Feliz dentro da cafeteria Gudcakes.....	28
Figura 8: Eu e Gabrielle em Tupandi no Encontro da Arte de 2019	28
Figura 9: Eu e Daiane na conversa via Skype	28
Figura 10: Eu e Fernando em Novo Hamburgo no apartamento da Paula	28
Figura 11: Eu e Fernanda em Esteio no auditório do Instituto São Francisco Sagrado Coração de Maria	28
Figura 12: Peça A mensagem, mostra de Feliz (2004)	31
Figura 13: Peça Cindy, a gata borralheira, mostra de Feliz (2004)	31
Figura 14: Peça O caderno, mostra de Feliz (2004)	31
Figura 15: Peça O museu da Emília, mostra de Feliz (2004)	31
Figura 16: Retiro (2004)	32
Figura 17: Retiro de líderes em que participei (2016)	33
Figura 18: 1º Encontro da Arte (2004)	34
Figura 19: 13º Encontro da Arte (2019)	34
Figura 20: Gustavo/Lily em sua primeira apresentação no EA (2008)	39
Figura 21: Cíntia em sua primeira apresentação no EA (2009)	39
Figura 22: Caroline em sua primeira apresentação no EA (2013)	39
Figura 23: Maiara em sua primeira apresentação no EA (2005)	39
Figura 24: Daiane em sua primeira apresentação no EA (2014)	39
Figura 25: Gustavo/Lily como monitora em Viamão (2016)	47
Figura 26: Bumba, a palhaça de Daiane (2015)	48
Figura 27: Peça “Uma História de Amor” com Lily	49

Figura 28: Peça “Uma História de Amor” com Gustavo	49
Figura 29: Fotos oficiais equipe EA de 2016 a 2019	57

LISTA DE SIGLAS

BA - Bahia

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEO - Chief Executive Officer ou Diretor Executivo

CTG - Centro de Tradição Gaúcha

EA - Espaço da Arte

IEACen/RS - Instituto Estadual de Artes Cênicas do Rio Grande do Sul

Festcarbo - Festival de Teatro da Região Carbonífera

GM - *General Motors*

Pibid - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PJE - Pastoral da Juventude Estudantil

POPs - Procedimentos Operacionais Padrão

RS - Rio Grande do Sul

SATED RS - Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversões do Estado do Rio Grande do Sul

UCS - Universidade de Caxias do Sul

UERGS - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Unipampa - Universidade Federal do Pampa

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

Introdução	9
1. Capítulo I	12
1.1. Eu sou uma lagarta... Não, não é isso. Eu sou uma atriz.....	12
1.2. Metodologia e critérios de escolha	20
1.3. Perfil dos entrevistados	22
2. Capítulo II	29
3. Capítulo III	35
3.1. O primeiro olhar para o teatro	35
3.2. Aulas de teatro: como se joga esse jogo?.....	40
3.3. Memória Coletiva e Individual	42
4. Capítulo IV	44
4.1. De aluno a monitor: começando a tecer conhecimento	44
4.2. A relação do monitor com a turma	47
4.3. Quando a lagarta termina de tecer o seu casulo	48
5. Capítulo V	51
5.1. Nasceu uma professora... ou uma borboleta!	51
5.2. O teatro como instrumento transformador de vidas	54
6. Considerações Finais: a metamorfose	58
Anexos	60
Referências	67

INTRODUÇÃO

Uma história que não está nos livros e que é contada pelas pessoas que a viveram, pelas fotos, pelos vídeos, pelos objetos de recordação, pelas atas de reuniões e, principalmente, pelo afeto. O presente trabalho nasce da minha paixão por fazer e disseminar a arte-educação e por trabalhar com uma equipe que cresceu comigo e possui o mesmo propósito: promover a transformação pessoal e social através da arte, da educação e de vivências em grupo através do respeito ao indivíduo e à cultura de cada comunidade, a ética, a honra, a responsabilidade social e o comprometimento com seus diversos públicos, tendo a afetividade como base para todas as ações.

A minha pesquisa da qual se originou esse trabalho, compartilha memórias que refletem as potencialidades do teatro, visto no contexto de ensino não-formal, a partir de oficinas promovidas pelo Espaço da Arte para crianças, jovens e adultos de diferentes cidades do Rio Grande do Sul.

Esse movimento possui características singulares como o papel social dentro das cidades do interior do estado do Rio Grande do Sul. Múltiplas vezes as oficinas de teatro e de dança ministradas são o único contato que as cidades longe de Porto Alegre, centro de referência cultural do estado, têm com a arte, o que torna a presença desses professores fundamental para essas comunidades.

A perspectiva do trabalho é refletir sobre as possibilidades que o ensino do teatro oferece na contemporaneidade e investigar o processo de transformação do aluno de teatro em professor dentro desta associação. Com base na metodologia da história oral, lançando mão de depoimentos pessoais e documentos, a história do Espaço da Arte é contada como agente transformador social, formando professores de teatro e dança, formador de plateia e desenvolvedor do lado afetivo e sensível de cada aluno-ator.

A escolha por pesquisar o ensino de teatro que acontece no Espaço da Arte deve-se à relevância desse espaço também como instituição formadora de

professores-artistas do Rio Grande do Sul e ao meu afeto por essa associação, da qual fui aluna e hoje sou professora. O método de ensino, ainda não documentado, será relevante para futuras pesquisas acadêmicas de professores em formação na área de teatro, uma vez que a instituição este ano completa 15 anos de existência com mais de 12 mil alunos tendo passado por sua metodologia.

O trabalho está organizado em cinco capítulos. O primeiro é composto por 3 subcapítulos: *Eu sou uma lagarta... Não, não é isso. Eu sou uma atriz*, *Metodologia e critérios de escolha* e *Perfil dos entrevistados*. Em *Eu sou uma lagarta... Não, não é isso. Eu sou uma atriz*, eu construo um memorial da minha trajetória pessoal com as ações que me transformaram e me constituem professora. Em *Metodologia e critérios de escolha* o processo de pesquisa e sua metodologia são relatados. E em *Perfil dos entrevistados* faço um breve relato dos dados de cada colaborador e como foram os seus primeiros contatos com a pesquisa.

No segundo capítulo discorro sobre a história do Espaço da Arte, sua fundação e concretização da sua existência ao longo do anos.

No terceiro capítulo as memórias são organizadas com o fim de entendermos os contatos iniciais de cada entrevistado com o teatro e as oficinas, tendo a perspectivas de alunos. Esse capítulo se divide em *O primeiro olhar para o teatro*, *Aulas de teatro: como se joga esse jogo?* e *Memória Coletiva e Individual*. Em *O primeiro olhar para o teatro* faço uma comparação do primeiro contato com o teatro de cada entrevistado, em *Aulas de teatro: como se joga esse jogo?* relato a dinâmica do trabalho do Espaço da Arte e *Memória Coletiva e Individual* constitui uma busca de referenciais sobre a memória.

O quarto capítulo reúne lembranças da transformação do aluno de teatro em professor, passando por etapas dentro da própria oficina e mais tarde e buscando a profissionalização no ensino superior. Dividido em *De aluno a monitor: começando a tecer conhecimento*, *A relação do monitor com a turma* e *Quando a lagarta termina de tecer o seu casulo*, em *De aluno a monitor: começando a tecer conhecimento* é contado o processo do aluno ser convidado a ser monitor e como funciona esse processo, em *A relação do monitor com a turma* são feitos relatos de como os monitores foram recebidos pelos alunos e em *Quando a lagarta termina de tecer o seu casulo* conto o processo de finalização da monitoria.

O quinto e último capítulo trata sobre o ser professor, seus afetos e a transformação que permeia esse caminho e conta com os subcapítulos *Nasceu uma professora... ou uma borboleta!* e *O teatro como instrumento transformador de vidas*.

Conhecer a história do ensino de teatro, bem como suas diretrizes políticas, culturais e sociais, nos permite analisar suas transformações com o decorrer dos anos. Por conseguinte, a escrita desse trabalho irá gerar uma nova bibliografia referente à pesquisa acadêmica, auxiliando professores e estudantes a pensar novos métodos de educação em teatro e entendermos suas necessidades ao longo da história.

1. CAPÍTULO I

1.1. Eu sou uma lagarta... Não, não é isso. Eu sou uma atriz.

A pesquisa para esse trabalho começou no passado, em 2007, quando eu decidi fazer teatro. Como havia um compromisso para o registro das práticas, o primeiro texto foi escrito seis anos depois, baseado em memórias e afetos:

Na sala de uma turma de quinta série entram duas pessoas falando em tom exagerado um pequeno texto ensaiado. Ninguém entendia nada. Depois de terem chamado a atenção de todos, se apresentaram: eram professores de teatro. Aquela era a minha turma. Naquela hora meus olhos brilharam e fiquei encantada. Como alguém tinha coragem de entrar e fazer um show na frente de tanta gente? Havia possibilidade de fazer as pessoas rirem, se mostrar e se divertir, tornando isso algo tão natural? Isso eu só consegui responder na primeira vez que subi no palco. (RIBEIRO, 2013, p. 01)

Acredito que naquela época não pensava em representar um personagem ou subir em um palco. O convite de brincar e se divertir em grupo me cativou, ainda mais porque naquele ano, eu ainda não tinha muitos amigos, pois havia trocado de turno no colégio e demorei para me enturmar. O teatro foi essencial nesse processo, uma vez que colegas de sala e das outras turmas da manhã também se interessaram pelas aulas.

Resolvi procurar os professores e me deparei com um grupo de pessoas desconhecidas. Trabalhamos juntos por um ano. A cada dia que passava eu me entregava mais.

Chegou o dia da mostra de teatro. A tarde se ocupou em função de ensaios gerais, testes de luzes e provas de figurino. À noite, o auditório lotou. Então as luzes se apagaram. Eu repassava as falas em um tom baixo e acalmava as mãos que tremiam. Respirei fundo. Entrei no palco. Nesse momento senti que o que havia dentro de mim tinha se mostrado. Lá eu podia ser quem eu quisesse, até eu mesma. Nada mais importava. Eu me libertei. (RIBEIRO, 2013, p. 01)

A sensação de estar em cena pela primeira vez permanece até hoje praticamente da mesma forma: ainda repasso falas, agora apenas mentalmente; acalmo as mãos que tremem e também suam; depois de tudo, respiro fundo e entro no palco. Tenho a sensação de ser gigante e de que nada importa mais do que o que estou fazendo em cena.

Hoje, o teatro faz parte de quem eu sou. Tornou-se uma terapia, um modo de esvaziar a mente e o coração. Passaram-se sete anos e nunca me cansei. Atores são mais felizes, são pessoas boas. Todos deveriam atuar, tirar o peso dentro de si. Sair da realidade do cotidiano e entrar na realidade do palco. Dar as mãos a quem se gosta, levantá-las, sorrir, receber aplausos e pensar “eu que fiz, eu mereço isso”. (RIBEIRO, 2013, p. 01)

Quando escrevi este texto estava no terceiro ano do Ensino Médio e, agora, seis anos após a sua escrita, pesquisando e estudando teatro e educação, penso que a “realidade do palco” não é um escape da “realidade do cotidiano” e sim um meio para entender o mundo em que nos cerca. Em cena cada ator e atriz fala da sua realidade e mostra com o seu corpo que é real e é resultado de suas experiências. Tudo o que somos fora do palco, somos dentro.

Esse sentimento surgiu no Santa Inês e não seria igual em nenhum outro lugar. Aqui eu fiz a melhor escolha da minha vida: entrar para o teatro. E da qual eu nunca vou me arrepender. Penso no que acontecerá depois que concluir o Ensino Médio e tiver que me desligar do colégio e do meu grupo de teatro. **Para não deixar esse sentimento se apagar, considero até a ideia de fazer curso de teatro na faculdade.** Não quero acabar com um sonho tão lindo e um bem-estar infinito que o teatro me proporciona. Tenho medo do incerto e do vazio que sentirei quando não puder mais encontrar a minha alma em algum personagem qualquer. (RIBEIRO, 2013, p. 01, grifo nosso)

Foi muito difícil na época optar por não fazer teatro na faculdade, naquela época já havia a pressão social de escolher um curso que me fornecesse dinheiro e estabilidade no futuro, os cursos de exatas e da saúde, eram os cursos que os professores do colégio indicavam, ainda mais para alunos com boas notas. Para mim era recorrente ouvir as pessoas dizendo que eu deveria cursar medicina por ter uma média alta no colégio. No momento em que tive parar de dedicar o meu tempo ao teatro, senti que faltava um pedaço de mim.

Volto às memórias do início da minha juventude e recordo-me como era tímida e com poucos amigos no colégio. A decisão de querer participar de oficinas extracurriculares foi minha, quando criança tive o hábito de ir ao teatro com a minha dinda, ler muitas histórias e subir no palco do Colégio Santa Inês, em Porto Alegre, RS, nas apresentações de final de ano.

Não consigo me lembrar muito bem do início da oficina de teatro, ocorridas no turno inverso das aulas regulares, mas em algum momento eu havia encontrado amigos de verdade, que significavam uma segunda família para mim. Durante as aulas eu sentia que poderia falar sempre o que eu estava pensando ou sentindo,

tinha a liberdade de ser eu mesma, sem a necessidade de interpretar nenhuma personagem. Pela primeira vez reconheci que eu tinha voz e era ouvida.

Ao longo da minha caminhada de quatro anos, tive três diferentes professores que trabalhavam na mesma associação chamada Espaço da Arte: Fernando Tepasse, Denisson Gargione e Pâmela Irion. Os três possuíam características em comum, além de se deslocarem do interior do estado para a capital, eles ministravam as aulas com muito afeto pelos alunos e utilizando da escuta como principal instrumento pedagógico dentro da sala de aula.

O foco das oficinas não era formar atores profissionais, mas sim, trabalhar o desenvolvimento humano dentro da realidade de cada aluno através do teatro. O carinho permeava as nossas aulas. O cuidado com as inseguranças e os medos de cada um, a preocupação em ouvir a todos e a liberdade de escolha em relação à peça transformaram a sala de aula em um espaço de segurança.

Eu sentia que éramos uma família com encontros marcados toda segunda-feira. Ficávamos ansiosos para a aula começar, tristes quando acabava e quase desesperados quando tínhamos que faltar. Sentíamos saudades dos colegas que tinham, eventualmente, outros compromissos e já adivinhávamos aqueles que sempre iria se atrasar. Víamos no rosto dos nossos colegas quando alguém não se sentia bem, sem a necessidade de pronunciar uma palavra sequer, e, na maioria das vezes, um abraço resolvia tudo. Esse ambiente foi essencial para construir a pessoa que hoje sou.

Lembro-me da minha primeira peça, “Cindy, a Gata Borracheira”, e todas as meninas queriam muito ser a Cinderella, menos eu. Eu disse para o professor que gostaria de ser algo diferente de mim, não gostaria de ser “boazinha” e queria me desafiar sendo a irmã má. E assim a minha provocação foi aceita: construir uma personagem má, de personalidade forte, que não estava na peça para agradar aos outros, usava uma maquiagem “horrorosa” para os meus padrões de 11 anos de idade e um salto que aprendi a usar para a personagem. Grisela era totalmente oposta a mim. Ao mesmo tempo que eu criava a minha personagem, reinventava a mim mesma.

Figura 1



O processo de escolha de peças era bastante singular. Os alunos escolhiam o tema, o assunto que gostariam de mostrar para os amigos e familiares no final do ano. E em 2009 escolhemos falar de nós mesmos.

“Ser Adolescente é um Problema”, peça escrita por Fernando Tepasse, foi escolhida e modificada de acordo com as vivências pessoais da turma. Pela primeira vez deixávamos de lado personagens criados e entrávamos em cena vulneráveis e falando sobre nós. A peça mostrava jovens fugindo de seus problemas e desesperados por acharem que não possuem solução.

No momento de criação, compartilhamos nossos sentimentos e confidencialidades para transformar em ficção a realidade presente para todos. Situações que nos deixavam indignados foram levantadas e soluções foram pensadas coletivamente. Havia espaço para desabafo, conselhos e consolos. Ao invés de fugirmos dos conflitos e brigarmos uns com os outros, como os personagens faziam, nos ouvimos e descobrimos que não estávamos sozinhos e podíamos lidar com tudo juntos.

Em um dos anos que houve uma troca de professor, mais precisamente em 2010, o nosso grupo, que havia definido uma identidade e utilizava o nome de “TOK”, que significava Teatro Ok, resolveu investir em um processo novo e construiu uma nova dramaturgia através de improvisações. Uma peça infantil com

personagens de contos de fadas chamado “O Mundo Perdido do Beleléu”. O que queríamos fazer era experimentar nos divertir junto com a plateia, brincando com nossos corpos e personalidades.

Eu vivi rodeada de comentários sobre a minha altura, principalmente no colégio. Sempre fui a mais baixa da turma e nessa peça encontrei um amigo que sofria por ser sempre o mais alto, também destoando desse padrão. Em cena aceitamos nossos corpos e jogávamos com isso sendo Branca de Neve e seu único Anão, que era manipulado por ela a pensar que era pequeno. Éramos medidos com uma fita por um espantalho sem cérebro e com a ajuda da plateia convencemos todos de que a Branca de Neve era mais alta. Quase um bufão, analisando com meus conhecimentos de hoje.



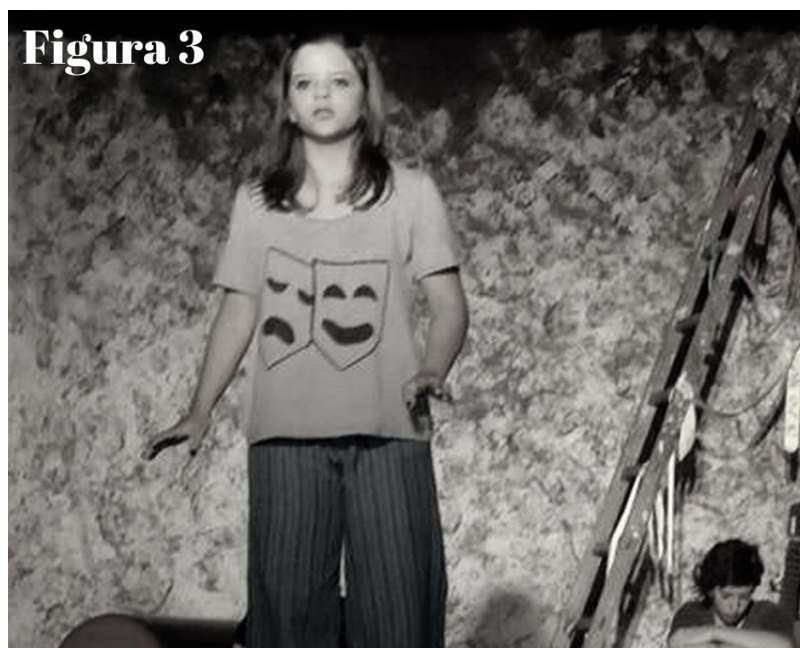
No final de 2010, tudo havia mudado. Esse grupo deixaria de existir, alguns não seguiram no teatro por estarem enfrentando as provas para a faculdade e a professora nos deixaria. Com medo do que enfrentaria nos próximos anos no Ensino Médio, decidi sair e apostar em um grupo que estava se criando com os meus melhores amigos na época, alguns fazendo teatro pela primeira vez e outros que faziam parte do TOK, com a coordenação da professora de Arte Vera Giorgetta.

Foi um período marcado por intenso “borbulhamento” artístico, pois começamos a escrever nossas próprias peças a partir de assuntos que sentíamos

que precisávamos compartilhar com a comunidade escolar. Destaco aqui duas peças marcantes: Azul Celeste 22 (2011) e Peça (2013).

Em Azul Celeste 22, tratamos de amor e loucura. Jovens de 15 anos com inúmeras dúvidas sobre como realmente é amar, o que fazer quando esse amor é encontrado e até onde vai o limite dessas ações com o outro. A peça mostrava como os protagonistas haviam chegado ao manicômio, todas as histórias se interligavam por meio do amor. Um casal tendo o seu amor invejado por uma cigana recebe um feitiço e acaba enlouquecendo, um pesquisador descobre que o amor da sua vida tem um câncer incurável e ele enlouquece tentando achar uma cura, uma jovem que desenvolve bulimia por uma rejeição do namorado e um homem mais velho se apaixona pela filha do melhor amigo e tem de conviver com um amor impossível.

Já Peça conta a história de um grupo de teatro que se desfez. Esse roteiro foi pensado e escrito em um momento em que eu estava no terceiro ano do ensino médio e todos estávamos temerosos sobre o que aconteceria com o teatro em nossas vidas depois da formatura. O grupo da peça lidava com a situação da morte de uma das integrantes e a depressão do líder do grupo, a partir daí os outros integrantes revelavam seus verdadeiros sentimentos como um desabafo e uma forma de procurar ajuda narrando um problema que não é solucionado.



Novamente enxergo nesse período da minha trajetória uma pedagogia que me chama a atenção. Uma oportunidade de ser ouvida e de poder externalizar as angústias e pensar dramaturgicamente possíveis soluções. Um espaço de poder contar o que acontece com os atores da vida real e saber, no retorno do público, que houve identificação, concluindo que não estamos sozinhos com nossas dúvidas.

Ao me formar no colégio, iniciei os meus estudos em Farmácia na UFRGS. Contudo, não me sentia completamente feliz naquele ambiente. Curiosamente, o meu grupo de teatro terminou devido à falta de disponibilidade dos integrantes de se encontrarem, uma vez que cada um optou por seguir um caminho diferente. Me dei conta que me sentia sufocada.

Em 2015, eu decidi que não poderia ficar sem o teatro e me inscrevo para fazer uma disciplina extracurricular no Departamento de Arte Dramática de Teatro do Oprimido ministrado pela Professora Dra. Silvia Balestreri Nunes. Sem saber do que se tratava fui imersa em uma experiência de Teatro-fórum. No meio de estudantes de teatro e de variados outros cursos como o meu, em nenhum momento me senti deslocada, pelo contrário, a cada aula me dava conta de que aquele é o meu lugar.

Durante o semestre trabalhamos com jogos e exercícios desenvolvidos por Augusto Boal e ao final desenvolvemos as cenas para a realização do Teatro-fórum. Assuntos latentes em mim foram abordados como abuso e violência contra mulher: mais uma vez a oportunidade de ser ouvida surgiu. No início do ano seguinte, com forte certeza, prestei vestibular para Licenciatura em Teatro na UFRGS e iniciei os meus estudos em março de 2016.

Neste mesmo momento reencontrei o professor Fernando Tepasse que havia me dado aula nas oficinas de teatro do Espaço da Arte e recebi o convite de iniciar como monitora das oficinas de teatro em Porto Alegre com a coordenação da professora Fernanda Bon. Este é o início da minha pesquisa na área da Licenciatura em Teatro.

Figura 4



Como professora, busco proporcionar tudo o que tive como aluna para os meus alunos e alunas. Desenvolver um espaço de escuta, afeto e troca é o principal objetivo das minhas aulas. Acredito que o teatro me transforma e me desenvolve como ser humano e as aulas têm papel fundamental, e isso é o que quero promover para eles.

Hoje trabalhando como professora na associação Espaço da Arte possuo mais propriedade para falar um pouco da história dessa união de professores-artistas, alunos e colaboradores. Quero começar a contar essa história através do bilhete escrito por Maria Paula Corrêa, gestora de projetos e eventos do Espaço da Arte para os alunos de iniciaram as aulas em 2019:

Queremos lhe convidar a percorrer conosco um CAMINHO. No início ele pode parecer estranho e até dar medo. Talvez lhe disseram que era difícil ou até impossível atravessá-lo. Saiba que eles estavam errados. Esse caminho vai lhe reservar muitas aventuras e, melhor que isso, você vai percorrer cada passo com pessoas incríveis, seus colegas de jornada. Quando houver um obstáculo, eles estarão lá para lhe ajudar a atravessar. Você vai aprender tanta coisa no caminho, principalmente que você é muito especial e que se der o melhor de si, conseguirá fazer tudo o que quiser! Também que todas as pessoas merecem seu carinho e respeito, porque ninguém é melhor que ninguém. Você vai aprender a cooperar e a ser paciente. Esse caminho tem cor, luz, abraços, beijos, aplausos, suor, sorrisos e muito amor. [...] (CORRÊA, 2019, p.1)

Eu li esse bilhete para os meus alunos no primeiro dia de aula em 2019. Não sabiam se iriam ou não continuar frequentando as oficinas. Havia 27 alunos em uma pequena sala de dança no primeiro dia e no segundo 25 voltaram. Depois de ler cada frase, olhava nos olhos de cada um e ali encontrei algo diferente. Senti que tudo o que precisavam ouvir, tinha sido dito. Tudo fazia sentido.

1.2. Metodologia e critérios de escolha

A história oral, segundo Wolkmer (2017, p.44), “possibilita a criação das nossas próprias fontes históricas, uma criação dialógica que nasce do contato com o outro e nos contempla com narrativas de vida”. Os entrevistados permitirão a reconstrução de um passado, participando da escrita de uma história em que são os próprios protagonistas.

Esse é o papel da memória, para Delgado (2006, p.9), uma construção atualizada e renovada no tempo presente de algo que um dia foi. E por meio das memórias é que pretendo construir a história do que foi e do que hoje é o Espaço da Arte.

José Carlos Sebe Meihy e Fabíola Holanda, pesquisadores pioneiros de história oral no Brasil associados à Universidade de São Paulo definem aspectos desse procedimento:

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definições de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (2007, p.15 apud GUIRALDELLI, 2013, p.1)

Utilizo desta metodologia para entrevistar quatro professores-artistas que compõem a equipe de trabalho do Espaço da Arte e outros dois que deixaram a associação, levando em conta o tempo disponível para a elaboração e conclusão

das etapas de pesquisa. O critério de seleção considerou o fato do entrevistado ter trabalhado como professor no EA nos últimos quatro anos.

A escolha dos entrevistados foi feita através da lista de nomes dos professores dos últimos quatro anos do EA, elaborada a partir dos meus registros de reuniões, fotos oficiais da equipe e cartazes de divulgação das unidades. Os seis entrevistados foram escolhidos levando em conta os seguintes critérios: ter sido aluno de teatro no EA; ter sido monitor em alguma unidade do EA; ter sido professor de teatro ou dança no EA; não ter perdido o vínculo com o EA por mais de quatro anos; a disponibilidade de receber a pesquisadora e participar da pesquisa.

Com a finalidade de complementar os dados obtidos nas conversas com os seis sujeitos da pesquisa, dois professores mencionados nos relatos foram também entrevistados. Esses profissionais compõem atualmente a equipe do EA, trazendo uma perspectiva interessante de colegas de trabalho. Totalizando oito entrevistas. E com o objetivo de complementar os dados históricos e registros dos eventos citados nos relatos, irei coletar documentos no Espaço da Arte, com margem para que os entrevistados contribuam com detalhes variáveis de acordo com cada experiência.

Esse processo aconteceu em três partes: as entrevistas, a transformação da fala em escrita e a análise e comparação dos relatos. As entrevistas contam com um registro audiovisual para uma possível análise interpretativa das expressões corporais dos entrevistados, além de, após a seleção das imagens, tornam-se um documentário, a fim de gerar mais uma forma de acesso à pesquisa e se tornar acervo do EA. Cada entrevista foi conduzida por um roteiro de perguntas pré-elaboradas de modo a organizar as informações relativas ao processo de transformação dos entrevistados, neste momento a pesquisa e seus propósitos foram esclarecidos e as datas das entrevistas foram marcadas. Esta tarefa foi feita inteiramente via internet.

A primeira etapa do trabalho consistiu no contato preliminar com os entrevistados, neste momento a pesquisa e seus propósitos foram esclarecidos e as datas das entrevistas foram marcadas. Esta tarefa foi feita inteiramente via internet.

Essa etapa foi bastante difícil, pois cada entrevistado reside em uma cidade diferente do RS e também ministra aulas em outras cidades do interior do estado. Como não dirijo, dependo dos horários dos ônibus disponíveis nas rodoviárias e nem todas as cidades possuem ônibus ou acesso aos aplicativos de carona, tornando escassas as possibilidades de deslocamento e os horários das entrevistas. Muitas vezes fiquei mais tempo no ônibus do que nos locais combinados e devido ao meu horário de trabalho, precisei me deslocar várias vezes, não podendo passar o dia fazendo mais de uma entrevista.

1.3. Perfil dos entrevistados

“A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente ‘recorda’, e como recorda para contá-la.” (MÁRQUEZ, 2003, p.5)

O primeiro entrevistado foi o professor-artista Luis Gustavo de Souza Deon, 22 anos, nasceu em Santiago do Boqueirão, RS, e ingressou no EA como aluna¹ em 2008, em 2016 tornou-se monitora e após ficar um ano afastada, retornou como professor em 2018. É formado em Teatro Licenciatura na UERGS, concilia o trabalho de professor nas cidades Lindolfo Collor e Tupandi, RS, com o trabalho no restaurante de sua família, Nova Era, em Bom Princípio, RS. Como aluna participou das unidades de teatro no EA nas cidades de Bom Princípio, para onde se mudou na infância, Tupandi e Alto Feliz, fazendo com que ela já se deslocasse com frequência de cidade e como monitora, atuou em Viamão, no Colégio Marista Graças com o professor Fernando Tepasse.

O contato inicial com Gustavo em relação à pesquisa foi em uma reunião geral da equipe do EA em Tupandi, no Centro de Eventos da cidade. Estávamos organizando mais um Encontro da Arte, um evento para alunos e familiares. Foi o momento da maioria dos entrevistados estarem cientes, pois outros seis entrevistados estavam presentes. Fiquei nervosa na hora de perguntar se

¹ Em 2008 Luis Gustavo era Larissa, mais conhecida como Lili, pois não gostava de usar o seu nome. Há dois anos completou a sua transição e seu nome foi apenas um detalhe ao terminar de encaixar o seu corpo com a pessoa que ele sempre foi.

aceitariam serem colaboradores da pesquisa, pois talvez não tivessem tempo nem grandes interesses, mas fui surpreendida com um grande sim e muita animação. Mais tarde retornamos o assunto por *Whatsapp* e marcamos um dia para a entrevista. O contato não foi difícil, pois trabalhamos juntos desde 2016 e construímos um laço de carinho. Nosso encontro foi marcado para Bom Princípio pela manhã, no restaurante em que trabalha, durante as férias das oficinas de teatro.

A segunda entrevistada foi a professora-artista Cíntia Taís Orth, 22 anos, nascida em Tupandi, ingressou no EA como aluna em 2009, tornou-se monitora em 2017 e professora no ano seguinte. Está cursando Teatro Licenciatura da UERGS desde março de 2018, concilia o trabalho de professora com o trabalho de secretária e auxiliar administrativa na empresa da mãe, Cantinho da Fofura. Como aluna participou das oficinas de teatro e dança em Tupandi pelo EA, foi monitora em Westfália, Bom Princípio, Tupandi e Vale Real com a professora Bianca Flôres e hoje atua como professora nas unidades de Tupandi, com o Gustavo, e Vale Real.

O primeiro contato com Cíntia foi na mesma reunião que expliquei a pesquisa para o Gustavo. Também retornamos o assunto por *Whatsapp* e marcamos a entrevista para o mesmo dia que Gustavo, também em Bom Princípio. Contudo, pela tarde, na casa de Cíntia. Ela me recebeu muito bem, na hora do almoço, enquanto ela e o companheiro almoçavam, eu passava os vídeos da entrevista anterior para o computador. Conversamos sobre a faculdade, pois na mesma hora abriram vagas de matrícula para o semestre seguinte e logo após começamos a conversa. Como o meu ônibus de volta para Porto Alegre era bem mais tarde, ficamos tomando chimarrão e assistindo uma série no *Netflix* até o Gustavo aparecer de moto para me levar à rodoviária.

A terceira professora-artista entrevistada tem 20 anos e se chama Caroline Costa. Nasceu em Farroupilha e ingressou no EA como aluna no ano de 2013, tornou-se monitora em 2015 e professora em 2017. No mesmo ano que começou a atuar como professora, ingressou na UERGS para cursar Teatro Licenciatura. Na sua cidade natal participou das oficinas de teatro como aluna, como monitora atuou

nas cidades de Estrela e Farroupilha e hoje, como professora ministra oficinas em Estrela, Bom Princípio, Westfália e Farroupilha.

O contato sobre a pesquisa também se deu na reunião do EA e também marcamos a data da entrevista via internet. Dessa vez eu iria viajar para Estrela e gravamos em na sala das oficinas na Casa de Cultura. Eu já estava mais segura para conduzir a entrevista e a Caroline foi bastante simpática, me levou até o local e me apresentou um pouco da cidade. Após a entrevista me convidou para almoçar com ela e com o Fernando Tepassee e depois os dois me levaram para conhecer o Colégio Santo Antônio, onde Caroline também ministra aulas.

Maiara Baumgarten, a quarta entrevistada nasceu em Farroupilha, RS, há 23 anos e hoje mora em Alto Feliz, RS. Ela ingressou como aluna de teatro no Espaço da Arte em 2005, quando a associação completava um ano de existência, se tornou monitora muito nova, em 2012 e dois anos depois já conduzia as aulas como professora de teatro. Este ano está se formando em Dança Licenciatura pela UERGS, onde se descobriu professora de dança e atua também como professora de ritmos em uma academia². Como aluna participou das oficinas nas cidades de Alto Feliz, Bom Princípio, Vale Real e Tupandi, nas últimas duas também atuou como monitora e hoje ministra aulas de teatro em Vale Real e de dança em Tupandi.

Ela estava presente na reunião em que expliquei um pouco sobre a pesquisa, então nos falamos via internet para marcar a data da conversa. No início aconteceria no mesmo dia em que eu conversaria com o Gustavo e com a Cíntia, pois era um dia que ela iria trabalhar na cidade de Feliz e poderia passar em Bom Princípio antes, contudo ela teve uma emergência familiar e no dia seguinte iria viajar, então deixamos a data em aberto. Quando marquei com a quinta entrevistada em Feliz, perguntei se a Maiara teria alguns minutos disponíveis. Ela concordou e nos encontramos na cafeteria da cidade³. Apesar da lotação do local e da música ambiente, foi uma conversa muito agradável. Ao final da entrevista Gabrielle, a quinta entrevistada, chegou e então relembramos algumas situações e falamos

² Academia Oficina do Corpo, na cidade de Feliz, RS.

³ Cafeteria Gudcakes.

sobre o evento do Espaço da Arte que estávamos as três envolvidas no dia seguinte

4.

Gabrielle Zimmermann, nasceu em Nova Petrópolis, mas sempre morou em Vale Real, 24 anos e foi aluna do EA em 2006, monitora de 2014 e professora em 2015, saiu do Espaço da Arte no final do ano letivo de 2016. Atualmente trabalha em uma cooperativa no ramo da administração⁵, mesma área de seu curso em andamento na UCS, mas sempre que há necessidade de ajuda em apresentações ou eventos do EA, Gabrielle participa. Foi aluna de teatro nas cidades Vale Real e Bom Princípio, monitora em Bom Princípio, Farroupilha e Novo Hamburgo e professora em Vale Real, Alto Feliz e Bom Princípio.

O primeiro contato com Gabrielle aconteceu via *Whatsapp*, depois de alguns anos eu ainda tinha o seu número salvo no meu celular, da época que trabalhávamos juntas. Ainda com poucas palavras sobre a pesquisa, Gabrielle se mostrou muito animada e envolvida. Marcamos a nossa conversa na cidade de Feliz na cafeteria da cidade⁶, sugestão dela, para que eu possa ir até o local com facilidade. Chegou cheia de histórias, era possível ver os seus olhos brilharem, estava um pouco ansiosa e talvez nervosa, mas isso passou quando fiz uma pergunta que não estava no roteiro pré-estabelecido. Ao final do nosso encontro ela me agradeceu por ter feito ela lembrar de um passado tão especial. Ainda me deu carona até a cidade de Bom Princípio, de onde pegaria uma outra de volta para Porto Alegre.

Daiane Aparecida Vieira Cardoso foi a sexta entrevistada. Com 27 anos, nascida em Estrela, hoje mora em Arroio dos Ratos, RS. Sua passagem pelo EA foi rápida e intensa: entrou como aluna em 2014, se tornou monitora em 2015 e em 2016, seu último ano dentro da associação, foi professora. Hoje ela trabalha como professora, mas não mais de teatro, em uma creche comunitária⁷ e cursa

⁴ No dia 17 de agosto de 2019 aconteceu o 13º Encontro da Arte na cidade de Tupandi. Um evento promovido pelo Espaço da Arte reunindo os alunos de todas as unidades. Um dia de atividades e apresentações culturais em uma escola de uma cidade sedadora das oficinas.

⁵ Cooperativa Sicredi Pioneira na cidade de Nova Petrópolis.

⁶ O mesmo local onde foi a entrevista da Maiara.

⁷ Creche Comunitária Izolina Rodrigues, localizada em Arroio dos Ratos.

Licenciatura em Geografia na Unipampa. Foi aluna de teatro nas cidades de Estrela, Lajeado e Tupandi, atuou como monitora em Novo Hamburgo, Bom Retiro do Sul e Estrela e como professora em Estrela e Sérico, RS.

Nosso contato foi integralmente via internet. Por mensagens pelo Facebook consegui explicar inicialmente sobre a pesquisa, logo em seguida, Daiane sugeriu que fizéssemos a conversa por *Skype*, uma vez que seus horários estavam cheios. Marcamos para o dia 18 de agosto, contudo, na mesma semana Daiane me mandou uma mensagem dizendo que nesta data iria estar envolvida com o Festcarbo⁸, então marcamos para a semana seguinte. Confesso que a entrevista pela tela do celular não é muito receptiva, nos deu pouca proximidade e abertura para uma conversa. Contudo as memórias reveladas por Daiane continham muito carinho e ela estava se sentindo bastante à vontade.

Luis Fernando Tepasse, diretor e professor componente da equipe do Espaço da Arte, foi o sétimo entrevistado, 46 anos, nasceu em Porto Alegre, mas cresceu em Novo Hamburgo e hoje mora na cidade de Estrela. É o idealizador e criador do Espaço da Arte, onde trabalha há 15 anos. Divide as horas de trabalho de professor e CEO ministrando palestras, treinamentos, vivências e workshops de Inteligência Emocional, vendas, marketing e relacionamento profissional. Suas aulas ocorrem em Estrela, Farroupilha e Novo Hamburgo.

Fernando foi o segundo a saber da pesquisa. Conteí brevemente sobre as ideias borbulhavam na minha cabeça antes de iniciar a escrita deste trabalho em um áudio enviado pelo *Whatsapp*. Nossas conversas duraram dias, a cada nova ideia, um contato via internet. Marcamos o dia e o local da nossa conversa durante um almoço em Estrela, RS, logo após a entrevista com Caroline. Ficou marcada em Novo Hamburgo no escritório do Espaço da Arte pela manhã, contudo, na semana da entrevista, Fernando me avisou que no horário combinado, Paula, a gestora de projetos e eventos, estaria trabalhando lá, então fomos para o apartamento dela que se localiza perto da estação de trem. Ele me buscou de carro e tivemos uma conversa mais longa do que havia planejado.

⁸ Festival de teatro amador que aconteceu em Arroio dos Ratos nos dias 12 a 17 de agosto, no Museu Estadual do Carvão.

A última entrevistada, Fernanda Bon Alvares tem 32 anos, nasceu e mora em Porto Alegre. Licenciada em dança pela UERGS, iniciou comoicineira de dança do Encontro da Arte na cidade de Vale Real em 2007, no seguinte ingressou como professora e foi monitora de teatro em 2012 no Colégio Santa Inês em Porto Alegre. Atualmente distribui o seu tempo entre as unidades do EA na cidade de Esteio e Porto Alegre e as aulas na escola de dança Dullius Dance, em Porto Alegre.

Fernanda trabalha comigo em duas unidades do Espaço da Arte, nos vemos nas segundas-feiras em que vamos juntas de carro para Esteio e nas quartas-feiras onde nos encontramos no Colégio São Francisco Menino Deus, em Porto Alegre. Por conseguinte, não houve o primeiro contato oficialmente com a pesquisa, compartilho meus pensamentos sobre este trabalho com ela a partir do momento em que penso sobre possíveis assuntos para este trabalho ao longo da graduação. Por isso, acredito que ela tenha sido a primeira entrevistada a ser informada.

Nosso encontro foi marcado pessoalmente e aconteceu antes de uma de nossas aulas, na cidade de Esteio no Instituto São Francisco Sagrado Coração de Maria. Ele foi remarcado algumas vezes, pois Fernanda, após o Encontro da Arte em Tupandi, ficou sem voz. Mesmo assim, sua voz não estava completamente recuperada e isso influenciou para que sua entrevista fosse mais concisa do que as demais.

O sujeito da experiência é um território de passagem, uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, é um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar e é também um espaço onde têm lugar os acontecimentos (LARROSA, 2002, p. 24). A partir desse pensamento, como um lugar de transição, de transformação a cada vivência que os sujeitos desta pesquisa, meus colegas e ex-colegas de trabalho, me inquietam.



Figura 10



Figura 5



Figura 6



Figura 9



Figura 11



Figura 8

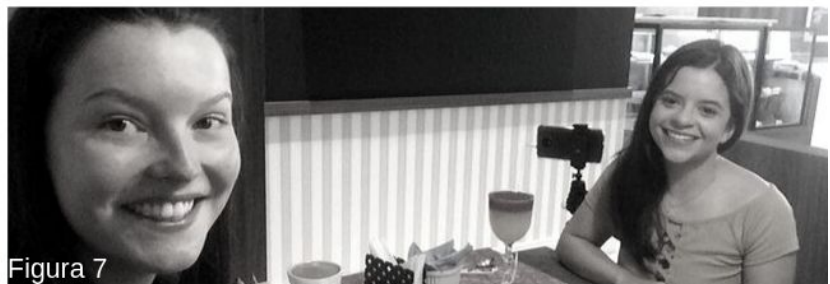


Figura 7

2. CAPÍTULO II

O início do Espaço da Arte

O Espaço da Arte é uma equipe que surgiu em 2004 dentro da UERGS, em Montenegro, RS, com a união de alunos de graduação do curso de Teatro e Dança. No início, as oficinas aconteciam no interior do estado e somente dentro de escolas, logo depois, passaram para a capital gaúcha, onde estudei, e mais 36 cidades. Hoje as oficinas se expandem para centros de cultura, escolas e centro de referência de assistência social.

Mais de 12 mil alunos passaram pelo Espaço da Arte. Crianças, adolescentes, adultos e idosos que estiveram em busca encontros de amor e troca através da arte. Assim como eu.

Um dos propósitos do Espaço da Arte é integração, é juntar pessoas e formar pessoas. O nosso grande lema é o movimento que transforma. A gente se entende como um movimento, não é uma empresa, é uma associação legalmente falando. Mas é mais que isso, é um movimento, porque a gente espalha coisas por aí e essas coisas vão com o vento, digamos assim, já tem outros projetos que se basearam no modelo do Espaço da Arte. (Fernando, 2019)

Atualmente conta com uma equipe de oito professores, quatro formados em Teatro ou Dança pela UERGS, três ainda em formação em Teatro pela mesma universidade, um em formação em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, eu, e uma gestora em projetos e eventos. Três dos professores formados foram os precursores da associação, Fernando Tepasse, CEO, Fernanda Bon e Bianca Flôres. Os outros cinco são ex-alunos que buscaram uma formação continuada em arte e atuaram como monitores e agora são professores.

Esse movimento iniciou com Luis Fernando Tepasse, que prefere usar apenas o segundo nome. Fernando Tepasse trabalhava na Sinoscar, na parte de vendas, em Novo Hamburgo, e em 1999 surge a oportunidade de montar uma peça para ser apresentada em uma convenção nacional da GM na Costa do Sauípe, BA. Fernando foi o ator principal, o diretor e o dramaturgo. Ele destaca esse momento como importante para largar o seu emprego formal.

Ao sair do ramo de vendas de carros, Fernando começou a dar aulas de teatro sem nunca ter feito qualquer curso. Trabalhou primeiro no colégio Santa Teresinha em Campo Bom, RS como professor de teatro e de ensino religioso. Contudo, quando houve a troca de direção no colégio, Fernando acabou tendo suas horas de aula reduzidas e iniciou suas aulas em Sapiranga, RS, na Escola Luterana de Ensino Médio São Mateus, para surdos e ouvintes. Em ambas as instituições de ensino a dinâmica das aulas ainda eram diferentes do que iria se estabelecer no Espaço da Arte, eram feitas duas montagens durante ano, uma apresentação no final do primeiro semestre e outra no final do segundo.

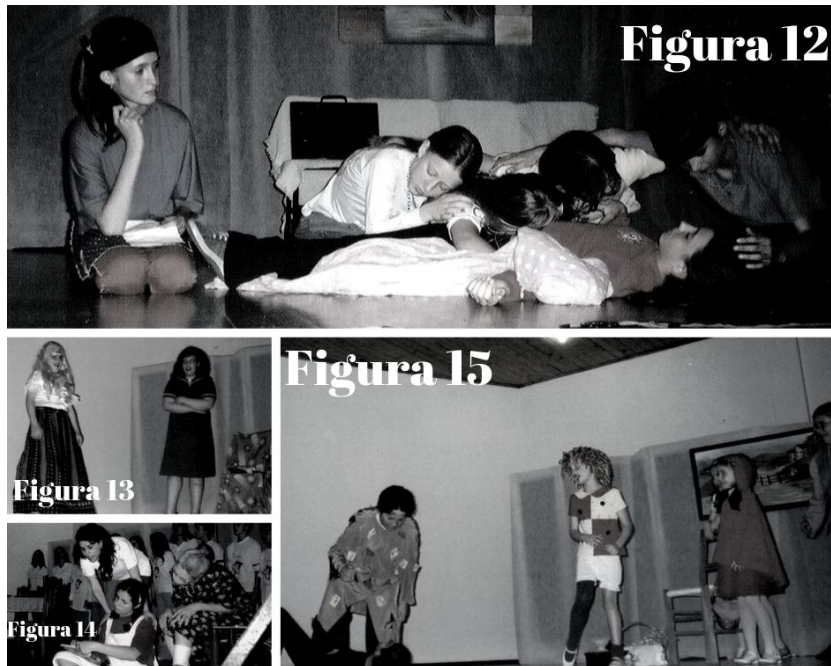
Em 2003 inscreve duas peças no festival de teatro de Sapiranga e ganha vários prêmios com ambas as peças. Entretanto, no mesmo ano, Fernando inscreve o grupo adulto no festival de Novo Hamburgo e, segundo ele, é humilhado pelos jurados.

E ali foi o estopim para eu entrar na universidade [dá um sorriso]. Olha as coisas como é que são, né? Ali eu fui humilhado, o pessoal “ah qual a tua formação?” eu disse “ah não tenho” [...] Uma interpretação minha, a humilhação é minha, eu que interpretei que fui humilhado, mas ele debocharam um pouco de mim. Mas eu agradeço, né, porque se não fosse isso talvez eu não tivesse entrado na UERGS. Foi aí que eu disse “ok, vou entrar, vou estudar essa porra toda aí e vamo ver qual é que é. (Fernando, 2019)

Fernando fez parte das primeiras turmas de Licenciatura em Teatro da UERGS em 2004. Depois disso assumiu novas unidades em Bom Princípio, Feliz e em São Sebastião do Caí, mas por uma questão de logística de deslocamento, precisou se desligar de Sapiranga.

Eu começo nessas três cidades e aí vem o *insight* e eu disse “cara, por que eu não faço um movimento que nem tem a Juventude Marista⁹ que eu participei com teatro. ao invés de ser a espiritualidade o elo é a arte e o teatro. e aí eu disse sabe “vou criar um negócio, vou criar um projeto”, na época eu chamava de projeto, “ah, vou criar o Espaço da Arte”. Eu batizei de Espaço da Arte porque eu imaginei que teriam outras artes envolvidas, teve a dança, né. (Fernando, 2019)

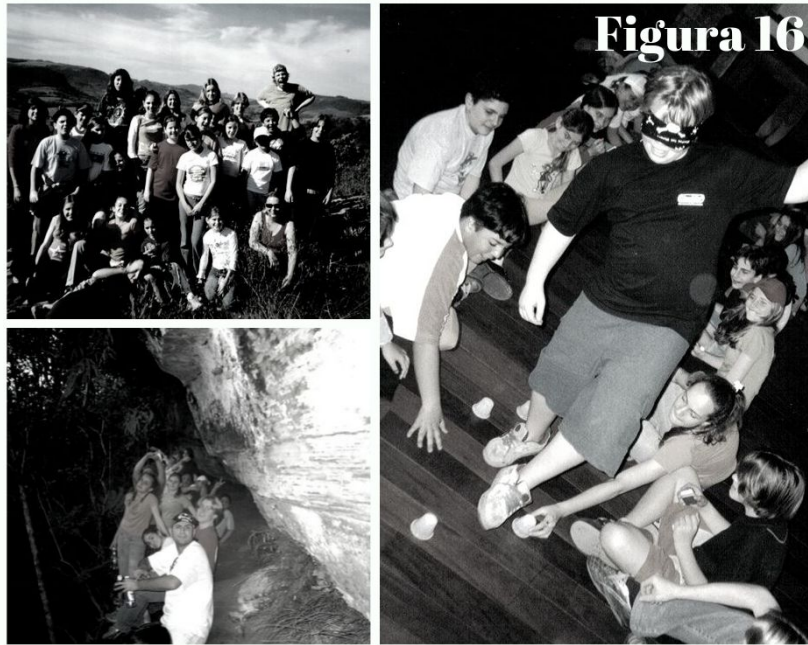
⁹ A congregação Irmãos Maristas criaram a rede marista de escolas no Brasil e dentro das escolas a Juventude Marista tem o objetivo de movimentar os alunos e trabalhar a sua autonomia. Hoje recebe o nome de PJE e Fernando por ter passado a sua formação escolar no colégio Marista Pio XII, em Novo Hamburgo, participou desse movimento. Esses grupos de jovens se reúnem uma vez por semana, cada um com o seu nome, fazem retiros e se encontram em uma grande evento.



Desde o primeiro ano de sua criação, o Espaço da Arte desenvolveu características que predominam nos dias de hoje: cada grupo de teatro se batiza, escolhendo um nome que queira ser chamado, criando uma identidade própria; o retiro de integração entre os alunos já acontecia, na época aconteceu no Pé na Terra¹⁰; e no final do ano cria-se o primeiro Encontro da Arte em 2004 com os alunos das três cidades.

Com a missão de “promover a transformação pessoal e social através da arte, da educação e de vivências em grupo” (Espaço da Arte, 2019), além das aulas de teatro e dança, a equipe promove outras formas de encontros como um anual Retiro de Integração para alunos a partir do sexto ano do Ensino Fundamental. Um evento que reúne jovens de todas as unidades do Espaço da Arte em um final de semana para se conhecerem, vivenciarem momentos diferenciados e momentos de aprofundamento teórico com a coordenação do Fernando e da Maria Paula Corrêa. Esse modelo de retiro é feito há 15 anos.

¹⁰ O Sítio Pé na Terra é localizado em Novo Hamburgo, RS.



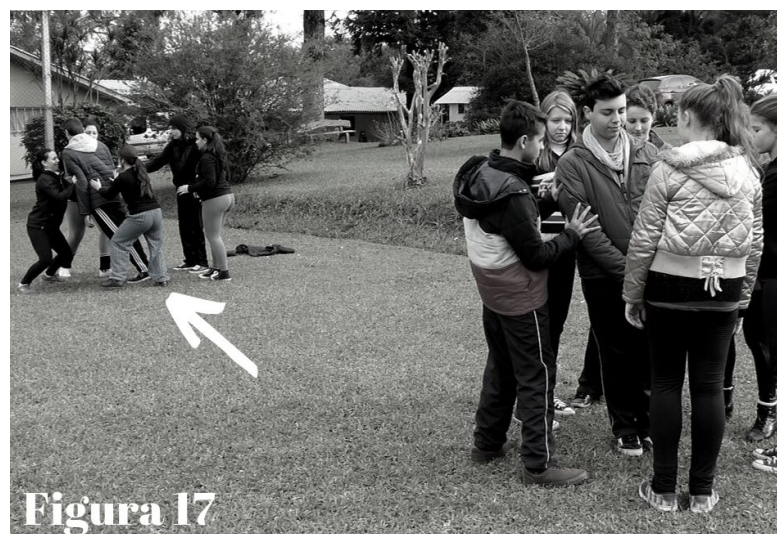
Há também o Retiro de Líderes, derivado do primeiro modelo de retiro aliado a técnicas de escotismo, em que dois alunos de cada grupo das oficinas são escolhidos pelos colegas e vão passar o final de semana reunidos discutindo e aprendendo sobre os tipos de lideranças que existem na nossa história e qual deles nos identificamos e precisamos ser em cada momento de nossas vidas. Em um primeiro momento foram criados dois Retiros de Líderes, para crianças e para adolescentes, com o decorrer das experiências, foi constatado que o adolescente aproveitava e assimilava mais o que se era passado, então se estabeleceu que o Retiro de Integração seria feito com os alunos menores e com os alunos maiores, apenas o de Retiro de Líderes. E mais tarde, foi pensado no Reencontro de Líderes, um momento em que todos que haviam participado do Retiro de Líderes de qualquer ano são convidados a experimentar novas vivências e se rever todos os anos.

Participei do Retiro de Líderes logo que entrei para a equipe como monitora em 2016. Um momento intenso de formação e conhecimento pessoal. Conhecer jovens que passam por tudo o que passei em minha adolescência e poder ajudá-los a enfrentar suas inseguranças e seus conflitos, assim como foi comigo.

Segundo os próprios alunos do grupo *Go.star* de Estrela, RS, que fizeram um vídeo¹¹ depois de terem ido a algum desses retiros e postaram nas redes sociais, há 5 motivos para os outros alunos participarem: o primeiro é devido à comida do local do evento, Casa de Retiros Monte Sinai, em Ivoti, RS, que é caseira, muito “gostosa” e os funcionários se preocupam com a necessidade de cada um (alergias, restrições, etc), o segundo motivo são as amizades construídas durante o final de semana, o terceiro é o aprendizado nas questões relevantes à autonomia, liderança e desafios não-cotidianos, o quarto é o desenvolvimento de coragem para seguir e conquistar os objetivos de cada um e o quinto motivo é o amor que permeia tudo.

Os próprios alunos quando voltam [do retiro] lembram da vivência que tiveram. O que que o retiro faz? Ele te dá uma experiência significativa, ele é um momento forte, um momento marcante na tua vida, onde tu tem uma experiência única que tu só consegue fazer grupo pequeno fechado em um momento de dois ou três dias como a gente faz. (Fernando, 2019)

Fernando explica como os integrantes do EA sabem que o retiro faz bem ao aluno: porque todos eles passaram por essa experiência. Fernando e Maria Paula vivenciaram os retiros da Juventude Marista e os outros professores participaram dos retiros promovidos pelos dois. A vontade de replicar uma experiência vivida para outras pessoas começa com Fernando pensando nos retiros para os grupos de teatro.



¹¹ O depoimento pode ser encontrado através do site: <https://www.facebook.com/espacodaarte/videos/651164145336255/>

Outro evento singular é o Encontro da Arte, antes promovido anualmente, contudo agora acontece a cada dois anos. Este era um grande evento que durava um dia e reunia alunos de todas as unidades do Espaço da Arte, das cidades como Ivoti, Estrela, Farroupilha, Novo Hamburgo, Porto Alegre, entre outras. Outro momento de compartilhar ideias e sentimentos e se permitir a novas experiências. Lá eu participei de duas maneiras, como aluna e como professora-organizadora. Desde o início o evento é pensado nas necessidades dos alunos e como fazer esse encontro ser uma experiência única.



3. CAPÍTULO III

3.1. O primeiro olhar para o teatro

O acesso ao teatro no Rio Grande do Sul se difere em muitos aspectos do teatro que se constrói em Porto Alegre. Não há muitas escolas de teatro, pelo menos registradas pelo SATED RS. Segundo seus dados, existem mais escolas/grupos de teatro na capital do que nas outras cidades do estado.

Entretanto, segundo o IEACen/RS, o Rio Grande do Sul conta com 13 festivais de teatro amador localizados no interior. Fazendo com que pequenos grupos e comunidades na cena teatral se desloquem de suas cidades e troquem experiências.

Mesmo assim, acessar às aulas de teatro longe da capital ainda é uma tarefa árdua para crianças e adolescentes. Nem todas as cidades possuem um professor disponível e então o Espaço da Arte entra em ação. Na maioria das vezes, os professores se deslocam de sua cidade para proporcionar aulas de teatro para a comunidade através de editais promovidos pelo município.

Como em Bom Princípio, para onde Luís Gustavo se muda em 2007. Mesmo tendo morado em Santiago do Boqueirão, cidade mãe do Festival Santiago Encena, o primeiro contato dele com o teatro foi na Escola Municipal de Ensino Fundamental 12 de Maio, assistindo uma peça de teatro que os colegas apresentaram como finalização de uma oficina.

Eu lembro até hoje da peça que eles fizeram que era [sobre] o medo do escuro, eu lembro da cena inicial que é eles em cima do palco, assim, tudo, tudo escuro, o palco e a plateia e eles com as lanternas. E aí, bá, eu fiquei muito fascinado com aquilo. Foi no final do ano que eles apresentaram e quando iniciou o próximo ano, eu já logo entrei no teatro. E aí eu nunca mais saí. (Gustavo, 2019)

E também em Tupandi, onde Cíntia nasceu, quando em 2009 entraram duas professoras na sua sala de aula na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco para divulgar oficinas de teatro e dança que aconteceriam no centro de eventos da cidade. Ela resolveu fazer dança, mas no ano seguinte iniciou também as aulas de teatro.

No ano seguinte a minha mãe me encheu muito o saco para eu entrar no teatro, e eu não queria de jeito nenhum, mas aí ela insistiu, insistiu, aí eu fui. Porque ela achou muito bonita as apresentações do ano anterior e me fez entrar. (Cíntia, 2019)

No último relato é possível confirmar a importância da influência da família no desenvolvimento da criança, no incentivo de práticas de atividades lúdicas e/ou artísticas. A partir de jogos e brincadeiras ligadas à arte, Santos (2004, p. 109) diz que a criança desenvolve seu lado social e sensível. Estas atividades “permitirá ao sujeito tomar consciência do funcionamento do espírito, transformando os equilíbrios funcionais em normas propriamente ditas”.

O espaço escolar é o meio que as crianças encontram para construir relações humanas fora do eixo familiar. Em repetidos relatos aqui presentes a escola foi responsável pelo primeiro contato com as diferentes artes e, principalmente, com o teatro. Ferreira (2006, p.12) constrói o conceito de escola como cenário-contexto “que cria e confunde-se com os próprios sujeitos crianças, já que estes formam-se atravessados pelas práticas e discursos da instituição que os rodeia e acolhe, na qual passam várias das horas dos seus dias”.

A escola recebe um papel de mediadora em relação ao teatro, introduzindo as crianças às normas e regras sociais pelas quais funciona e à linguagem teatral. A pensar de haver crianças que frequentem desde cedo às salas teatrais com familiares, a escola atua ativamente quando recebe espetáculos de fora ou promove apresentações feita pelas turmas em dias festivos. O teatro é voltado à preparação de “montagens ilustrativas de momentos de culminância das unidades do plano de ensino” (SANTOS, 2012, p. 17,). Como veremos nos dois exemplos citados pelas entrevistadas a seguir.

Em Alto Feliz, RS, o EA também estava presente. Foi no ginásio da cidade onde Maiara fez sua primeira aula de teatro. Porém, o primeiro contato com teatro é mais antigo: iniciou quando ainda estava na creche, ela organizava peças de teatro com seus colegas. Ela conta que sempre gostou de coordenar tudo. “E aí quando tinha alguma peça para dia dos pais ou então nem era pedido pelos professores, era a primeira coisa que eu inventava era fazer isso, vamos fazer uma história” (Maiara, 2019).

Também fala sobre as brincadeiras em casa. Acredita que era um jogo de imitação do que assistia na TV e apresentava para a família toda, uma mistura de teatro, dança e brincadeira.

Segundo Santos (2004, p. 86) em seu livro “Brincadeira e conhecimento: do faz de conta à representação”, a imitação do que é o cotidiano da criança é parte do seu desenvolvimento e está inserido no meio do processo do faz-de-conta à representação teatral. A preocupação com a verossimilhança e uma busca crescente de exatidão nas construções são o início do declínio do jogo simbólico, que dá lugar ao improvisado, tornando-se um “jogo simbólico coletivo com espectadores”, mais adiante com temas propostos antecipadamente, até chegar no formalismo e exatidão e o simbolismo se torna um “pretexto lúdico para um trabalho simultaneamente intelectual e artístico” .

Aos nove anos de idade, Maiara conheceu o Espaço da Arte.

Quando eu tinha sete anos e já fazia várias oficinas: fazia ballet, patinação, coral, flauta. [...] Então veio oficina de teatro para o município onde eu morava e naquela época tinha que pagar mensalidade, era bem baratinho, acho que era cinco reais. Só que eu já fazia muita coisa e aí então a minha mãe disse “bah, tu teria que decidir né, fazer ainda teatro”. [...] Fui falar com a minha dinda e ela disse “não, eu vou pagar pra ti”. E daí eu fui e comecei o teatro assim. (Maiara, 2019)

O primeiro contato com o teatro de Gabrielle foi na escola, com peças de teatro promovidas pela prefeitura uma vez por ano. Ela recorda que repetidas vezes o grupo Teatro Luz e Cena¹², de Novo Hamburgo, se apresentava. Então quando o Espaço da Arte fez a primeira divulgação em sua escola, Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes, Gabrielle se encantou e resolveu fazer aulas de teatro ainda criança.

Caroline teve o início da trajetória um pouco diferente: quis ser modelo e trabalhar na televisão quando criança. Então seus pais procuraram em Farroupilha uma agência que tivesse comunicação com São Paulo e a partir de então, fazia testes para modelo e atriz.

Eu sempre falei que eu nunca quis ser atriz, desde pequena eu falava, eu não sabia o que queria ser, mas eu sempre falei [isso], eu olhava a televisão, olhava as mulheres e pensava, eu nunca vou ser atriz. Imagina! Essa mulheres não comem, são muito magras [...] Daí eu olhei uma propaganda de TV assim, desse negócio de modelo, de ator, de atriz, daí eu olhei e

¹² Grupo fundado em 1978 na cidade de Novo Hamburgo,

disse: Ah, legal, eu vou tentar! Aí eu pedi para os meus pais e eles me levaram [no teste da agência] e eu passei. Eu fui pra São Paulo, [...] e lá em São Paulo eu fiz um teste para uma novela, era Balacobaco¹³. (Caroline, 2019)

Após fazer esse teste, que Caroline não passou por ter ficado muito nervosa diante da câmera, voltou para Farroupilha e foi procurar aulas de TV e cinema. Caxias do Sul, RS, era a referência de cursos¹⁴ no interior na época e indicaram para ela um curso de teatro¹⁵. Como era muito nova, o deslocamento ficou complicado, foi então que uma amiga de sua mãe indicou o professor Fernando Tepasse e o Espaço da Arte. Com o apoio da família Caroline fez sua primeira aula de teatro timidamente aos 14 anos fora da escola, uma oficina no Centro de Cultura da cidade.

Daiane não teve contato com o teatro durante o período escolar, foi no início da fase adulta, com 19 anos, que ela foi assistir uma peça de teatro de um grupo¹⁶ da cidade de Dois Irmãos, RS e se encantou. A partir desse acontecimento, ela buscou cursos de teatro em Porto Alegre¹⁷.

Eu sei que eu olhei aquele pessoal no palco e pensei: Nossa, isso deve ser muito legal! Sabe? Tu subir no palco para essa quantidade de gente, tu tá hoje aqui e de repente tu tá em outro lugar, tu conhecer pessoas de todos os cantos, fazendo uma coisa que é tão legal. E eu lembro de eles levarem o público do riso à emoção [...] E eu falei para a minha mãe: Eu quero muito experimentar isso! (Daiane, 2019)

Em todos os entrevistados dessa pesquisa o teatro entrou na vida de cada um através do deslumbramento, seja assistindo conhecidos em cena ou pelos sonhos de serem artistas. Na infância ainda não é possível ver a vontade de seguir a carreira de docência, mas o desejo de estar no palco vibra nas veias de cada um ainda bem cedo.

¹³ *Balacobaco* é uma telenovela brasileira produzida e exibida pela RecordTV entre 4 de outubro de 2012 e 20 de maio de 2013.

¹⁴ Curso da Take 04, que vinha de Porto Alegre para Caxias do Sul.

¹⁵ Grupo Tem Gente Teatrando

¹⁶ Curto Arte Companhia de Teatro, fundada em 1992.

¹⁷ A Escola de Teatro do NEELIC.



3.2. Aulas de teatro: como se joga esse jogo?

Os relatos dos participantes sobre as oficinas foram semelhantes, o que demonstra um certo padrão nas atividades do Espaço da Arte. Ainda que os

professores venham de diferentes cidades do RS e ministrem aulas para diferentes comunidades, as aulas seguem até hoje uma mesma estrutura. Essa estrutura é disponibilizada para cada professor através dos POPs, que foram implementados no de 2018, mas com procedimentos que já eram praticados há tempos.

Esses POPs descrevem os passos que cada professor responsável por sua unidade deve fazer desde como abrir uma unidade conveniada até o encerramento do ano. Como fazer a divulgação nas escolas, como será a primeira aula, a escolha das peças, os ensaios, cenários e figurinos, reunião de pais, como se deve trabalhar com o financeiro, passo por passo do dia a dia do professor.

Os primeiros meses de aula são construídos com jogos e brincadeiras com o objetivo de integrar o grupo de alunos. Misturando jogos de improviso, criação de cenas e brincadeiras, muitas vezes já feitas por eles na hora do recreio, noções básicas de teatro são ensinadas.

Entendamos de noção teatral o conceito explicado por Icle (2011, p. 74) que diz que “as noções atravessam o trabalho criativo da cena teatral. Isso significa dizer que se trata de um coletivo (de alunos-atores e professor-diretor, mesmo que essas funções possam variar)”. E muitas vezes precisamos nos desligar brevemente de alguma noção para chegar à outro objetivo também importante para a aula, como um aquecimento, que prepara o corpo ou a concentração para o início das atividades.

Icle também disserta sobre a dificuldade de estabelecer conteúdos para aulas de teatro:

A tarefa mais primitiva das tecnologias de planejamento escolar foi sempre a de listar conteúdos e programar os seus tempos e espaços de ocorrência. Agregado a isso, as visões mais tecnicistas enfatizavam o método segundo o qual tais conteúdos seriam transferidos aos alunos num tempo e num espaço suficiente para o aprendizado. (*Idem, Ibidem*)

As noções teatrais são do âmbito da criatividade, através delas podemos encontrar variadas respostas para problemas concretos, possibilidades em que não há somente uma correta e por isso não podemos chamá-las de conceitos científicos ou prevê-las, pois elas surgem do “contexto de emergência no qual elas se constituem”, de acordo com Icle. Por conseguinte, não há uma prova de teatro

teórica ou prática com o decorrer das oficinas. Diferente do ensino regular, os professores não emitem notas ou pareceres no final de cada trimestre. É um trabalho de sensibilidade e observação do professor observar o que cada aluno necessita aprender e melhorar em cena e estimulá-lo através das atividades em grupo.

O esquema sempre foi o mesmo, começar as aulas em março, uma vez por semana, uma hora, uma hora e meia, até a metade do ano aquele esquema de jogos e dinâmicas para se voltar, porque tinha muita gente nova. [...] E depois sim, montagem, escolha de peça. (Gabrielle, 2019)

Na metade do ano a escolha da peça é iniciada, seguida pela escolha dos personagens e os ensaios. Essa peça pode ser criada pelo grupo ou buscada no banco de dados que conta o Espaço da Arte com peças originais. Além do lado técnico da montagem no POP também há dicas de como melhor contemplar cada faixa etária de alunos, como fazê-los se sentirem ouvidos e importantes em cada etapa, pois são parte fundamental de cada escolha.

A montagem é alternada com jogos de acordo com a necessidade que o grupo demonstra, sendo o foco a noção mais trabalhada nessa etapa. Na maioria dos grupos estão crianças bastantes novas, é raro ver alguém que já decidiu seguir o teatro como profissão, comparecem às aulas para se divertirem e estarem juntos de novo amigos, o que torna o processo delicado, pois elas acabam enjoando da história e se cansando de seu personagem, fazendo o professor pensar em diferentes performances durante a aula, para que a cada encontro haja uma nova descoberta.

“Quando sobrava tempo ou quando a gente se comportava [risos], fazia as coisas, a gente jogava alguma coisa no final [da aula].” (Gustavo, 2019)

3.3. Memória Coletiva e Individual

O sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945) defende a ideia de que a memória de um indivíduo é construída por suas experiências com outros e não por impressões da realidade. Dessa forma, a memória individual se vincula à memória

coletiva. O sujeito rememora o passado por meio de uma composição coletiva. A memória é um constante processo de reconstrução.

“Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2013, p. 30). O indivíduo, dentro de um círculo social, é auxiliado por esse grupo na recordação da lembrança, ele se volta para esse grupo adota o seu ponto de vista.

O Espaço da Arte sempre tem essa ideia de divulgar na escola e convidar [os alunos para participar], e aí também, teve cartaz [...] E [a aula] era na sociedade do Vale. Eu sei que encheu assim. Era novidade e ninguém sabia. (Gabrielle, 2019)

Eu me interessei em entrar no Espaço da Arte no dia em que a Bianca e a Fernanda vieram passar de sala em sala com perucas, com chapeuzinho, com vários adereços assim e eu achei aquilo super legal. (Cíntia, 2019)

Era muito legal que o Fernando fazia as divulgações. Ele ia com umas calças coloridas e ele é super palhaço, então ele acabava cativando a gente dessa forma. Entrava nas salas super empolgado, gritando, fazendo um monte de piada e tu olhava e dizia: meu, deve ser muito legal estar com ele! E aí acabava levando a galera. (Gustavo, 2019)

Na sala de uma turma de quinta série entram duas pessoas falando em tom exagerado um pequeno texto ensaiado. Ninguém entendia nada. Depois de terem chamado a atenção de todos, se apresentaram: eram professores de teatro. (RIBEIRO, 2013)

A divulgação das oficinas de teatro e dança é parte da rotina de trabalho do EA. É tarefa do professor responsável de cada cidade. Um momento crucial para despertar o interesse dos alunos. Cada entrevistado vivenciou esse momento separadamente dos demais, entretanto, conseguimos ao analisarmos, percebermos semelhanças nos relatos.

Essas lembranças formam uma ponte entre passado e presente, uma vez que, a divulgação, atualmente é feita por eles. Nesse aspecto, a divulgação incorpora um caráter ritualístico, permanecendo ao longo dos anos e reproduzindo pelas gerações de professores. Os entrevistados rememoram a sua experiência como alunos, como plateia de uma performance, e hoje estão do outro lado, o lado do professor que procura o olhar do aluno, desperta sorrisos e compartilha energia.

Ao longo das entrevistas, nem todos fizeram o mesmo caminho de lembranças, mesmo tendo vivido muitos eventos juntos, falaram com ênfase em eventos diferentes. Halbwachs (2013, p. 69) explica que a memória coletiva perde

sua força por ter sua base em um grupo de pessoas e entre as lembranças comuns, “não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles”.

Portanto, a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e ele é alterado de acordo com o lugar que o indivíduo ocupa e com as relações com outros ambientes.

O indivíduo isolado de um grupo social não seria capaz de construir qualquer tipo de experiência, assim como também não é possível que mantenha qualquer tipo de registro sobre o passado. Todo o contexto no qual o sujeito está envolto, contribui de alguma maneira para reconstruir os vestígios e impressões de um determinado momento. (SILVA, p. 251, 2016)

As lembranças não são reproduções fiéis dos acontecimentos do passado, são uma reconstrução das experiências que vivemos e nossos interesses até o momento presente. Assim, os grupos sociais atualizam e complementam as lembranças individuais conforme tais testemunhos.

4. CAPÍTULO IV

4.1. De aluno a monitor: começando a tecer conhecimento

Durante a sua aula o professor está sempre avaliando o grupo de alunos. Está atento à personalidade de cada um, às necessidades, o que precisa ser trabalhado, quem está levando a sério e quem encara o teatro só como mais uma atividade extracurricular. Em algum momento ele enxerga aquele aluno que deseja saber mais. O aluno é comprometido, engajado com as atividades, possui maturidade e curiosidade. Ele é visto como um possível monitor.

Para Gustavo, o aluno que é um possível monitor deve priorizar o teatro em sua vida. Na sua época como aluno, enxergava os seus colegas com diferentes preferências, como por exemplo participar de um CTG. E o professor notou que de toda a turma que iniciou com Gustavo, só sobrou ele e fez um convite.

Como eu comecei muito cedo, eu fui meio que participando de tudo para chegar nesse lugar [de monitor]. Eu me lembro que eu fazia as oficinas, eu entrei em 2008 e nunca mais saí, e aí eu participei de vários grupos. A gente foi para festivais com as peças e a responsabilidade foi aumentando. Teve um ano que eu fui convidado para participar do Núcleo de Formação de Atores [do Espaço da Arte] e teve o segundo ano que eu também fui convidado para participar. Era visível, sabe, esse crescimento dentro do Espaço da Arte. (Gustavo, 2019)

Ele aceita e se torna um aprendiz e a partir de agora acompanhará todas as aulas com um novo olhar.

Mas pra mim foi uma surpresa quando a Bi [professora Bianca Flores] veio falar comigo, porque eu não esperava isso, que ela iria me perguntar, eu era super indecisa se eu ia querer dar aula, se eu queria só atuar. Aquele nosso Tabu de sempre: se a gente quer ser mesmo professora ou quer só atuar, enfim. E eu fui realmente pra me descobrir. (Cintia, 2019)

Fernanda Bon e Fernando Tepasse são professores há mais tempo no Espaço da Arte e, por consequência, já acompanharam diversos processos de monitoria. Eles falam sobre a autonomia do monitor para realizar todas as tarefas que o professor enfrenta sozinho.

[O monitor] tem que ter uma autonomia de conseguir resolver os problemas na hora, ter boa vontade das coisas acontecerem, de se precisar falar com a direção, falar com a direção, se precisar falar com os pais, falar com os pais. (Fernanda, 2019)

Na verdade não é nem a questão de condução de aula, porque o modelo do Espaço da Arte requer que ele tenha outras habilidades. A habilidade que ele tem que ter é de gestão do negócio da unidade, ele tem que saber se organizar, tem que conseguir ter capacidade de interlocução com o parceiro. Claro que ele não vai ter isso de uma hora para a outra, mas quando tu percebe que a pessoa já tem uma maturidade emocional, intelectual, artística e pedagógica para lidar com essa pressão. (Fernando, 2019)

Com o crescimento exponencial das unidades do Espaço da Arte, a demanda de professores aumentou. Fernando Tepasse, apenas um professor, acumulava atividades relacionadas à arte em variadas cidades e nem sempre conseguia estar presentes nas aulas.

Eu começo a ter monitores, por quê? Porque a minha demanda era muito grande de trabalho e aí eu disse “não, eu preciso ter alguém pra me ajudar em uma unidade para poder eventualmente sair e deixar a pessoa”. Então criou-se isso. Aí criou-se a ideia de ter um projeto de formação de monitores, que não aconteceu direito. (Fernando, 2019)

O “Programa Monitores” foi elaborado e pensado pelos professores do Espaço da Arte. Encontros semanais com todos os adolescentes monitores na cidade de Bom Princípio. Além da presença das aulas práticas com o grupo de alunos, debates teóricos eram organizados pelos próprios professores com os conhecimentos adquiridos na faculdade: teoria pedagógica. A teoria do teatro era passada durante as aulas de teatro.

Entretanto não foi possível dar continuidade nesse projeto. “E acabou que eles não puderam vir. [...] E acabou que não era isso, porque em primeiro lugar eles eram adolescentes, vir com muita teoria para cima de adolescente não funciona, por isso que aí vai pra prática e dá mais certo”, conta Fernando. A partir dessa tentativa, cada professor ficou responsável pela formação do seu monitor durante as aulas práticas.

E aí eu comecei a dar aula com ela e foi uma fase muito linda, que ela me ensinou várias coisas. Ela sempre me deixou com muita liberdade de eu puxar a frente de alongamento e jogos de aquecimentos e aí, a outra parte que era de montagem de personagem e espetáculo, eu ficava um pouco mais de fora, mas sempre ajudando. Eu era que nem uma esponjinha, só sugando as coisas e anotando tudo que era feito. Isso me ajudou muito, eu levo isso até nas aulas hoje, eu anoto tudo o que eu faço e o que eu penso. (Cíntia, 2019)

Eu me lembro que eu chegava [na sala], sentava e anotava tudo, tudo, tudo o que ele [professor Fernando] fazia eu anotava pra entender o que ele tava fazendo. E depois eu fui tendo segurança para começar a querer fazer, não demorou muito esse processo de eu querer ir para a ação, eu nunca fui de gostar muito da teoria então eu anotava pra entender, pra ganhar segurança e depois fazer, mesmo com um frio na barriga. [risos] (Caroline, 2019)

Sempre tinha essa logística para a monitora, foi o ano que eu mais aprendi. O Fernando tem uma didática de pegar a monitoria. Ele vai fazendo, depois ele vai deixando tu tentando comandar, até pegar esse jeito de dar aula e como dominar uma turma de trinta alunos, quarenta alunos. [...] A monitoria é quase igual a um estágio, porque depois eu fui assumir uma unidade

sozinha, e aí? Não tem para quem gritar, não tem para quem correr, né?
[risos]. (Gabrielle, 2019)

É possível observar um padrão de formação de cada monitor, mesmo que feito por professores diferentes. Em um primeiro momento, o monitor observa a aula do professor, fazendo relatos de todas as atividades, depois assume o primeiro exercício da aula, normalmente o aquecimento, e professor apenas observa e quando chega o momento da montagem da peça o monitor faz o papel de auxiliar.

Caroline destaca que o papel do monitor não é simplesmente mecânico, que reproduz os jogos que o professor faz, afinal o monitor ou professor de teatro não está lá apenas para o entretenimento da turma. Ela diz que o monitor precisa explicar o jogo além da parte prática, o que o aluno irá aprender com esse jogo. Entender a parte pedagógica por trás do jogo a interessou e ajudou na hora de aplicá-los.

Esse relato revela que as oficinas de teatro não são divididas em “hora de brincar” e “hora de aprender”, e sim trabalham com o “aprender brincando”. Santos (p.30, 2012) classifica a “hora de aprender” como mais séria, regrada e dirigida e “hora de brincar” como prazerosa, espontânea e livre. Ainda que os momentos das montagens de peças seja considerado mais sério pelos próprios alunos, uma vez que é a nomenclatura “brincadeira” é deixada de lado.

Os ensaios são os momentos em que as turmas costumam ter muitas baixas, pois é o momento que o aluno assume uma grande responsabilidade. Ele precisa estudar o texto fora das aulas de teatro, se expor para construir o seu personagem e colocar em prática tudo o que ele aprendeu nos jogos da primeira metade do ano. Às vezes ele e os próprios pais têm a ideia de que não aprende-se nada com as brincadeiras, mas se surpreendem no final com a apresentação em vários aspectos: união do grupo, construção de personagens, projeção vocal, corpo expressivo, coreografia, jogo de cena. etc.



4.2. A relação do monitor com a turma

Na antiga turma de teatro onde Caroline fez parte como aluna, ser monitor é subir de *status*. Era uma competição de quem era melhor, quem merecia ter mais poder dentro do grupo. “E na verdade não era, era uma coisa de que eu tinha um desejo de continuar e muitas pessoas não queriam ser professores, mas queriam ter o *status* de monitores” (Caroline, 2019). Como todos queriam ser monitores, o processo de aprendizagem do monitor escolhido era complicado dentro deste grupo de adolescentes.

Com Daiane esse processo foi tão difícil quanto, pois foi monitora do Fernando em Novo Hamburgo logo depois de Gabrielle ter sido monitora naquele colégio e se tornado professora em outra unidade. Na sua opinião, os alunos se afeiçoaram muito à antiga monitora e também sentiram a sua insegurança ao dar a primeira aula sozinha com pouco tempo de experiência. Ela comenta que o que fez ela continuar a dar aula e depois se tornar professora foram as aulas em que deu assistência na cidade de Estrela quando Fernando não estava. Paralelo às atividades de docência, Daiane atuou no grupo *Go.Star* de Estrela, no ano anterior

construiu uma peça de *clown* e os alunos assistiram e reconheceram sua palhaça quando se apresentou nas aulas.

Eu lembro que a receptividade que eles tiveram comigo foi muito grande. Deixa eu me lembrar... Foi por causa de uma mostra, isso foi no final de 2015, quando a gente montou uma peça de *clown*. E eu lembro que eles gostaram muito da minha palhaça. **Então eles gostaram de mim por causa da palhaça.** Eu fui lá fazer umas aulas com eles e eles tinha essa coisa toda de “Meu deus, a Bumba! A Bumba! A Bumba! Ela é muito legal!”. Então eles já me receberam muito bem. E lá por incrível que pareça, eu não sei era porque era a minha cidade ou se era porque eu tava me sentindo porque eles gostavam na minha palhaça, mas foi totalmente diferente, foi bem mais tranquilo. (Daiane, 2019, grifo nosso)



4.3. Quando a lagarta termina de tecer o seu casulo

Ao analisar os relatos, é possível notar que o processo de transformação do aluno em monitor de teatro dos entrevistados é bastante diferenciado do meu. Eu saí por um período do Espaço da Arte e deixei de me envolver com o teatro alguns anos, assim que entrei na universidade para cursar teatro fiz o pedido para ser monitora. Quando fui aluna do EA não recebi nenhum convite, pois ainda era muito nova para tal tarefa.

Cursar teatro em uma universidade é o aspecto principal para o monitor de teatro evoluir para professor. É quase considerada uma regra, pois até hoje na equipe não houve qualquer exceção. E, pela influência dos antigos professores, os

monitores desde cedo sonham em entrar na UERGS. Atualmente todos os professores são formados ou estão cursando a universidade estadual, o que me torna outra exceção.

Gabrielle por um período de tempo cursou Licenciatura em Teatro na UERGS, mas não concluiu nem seguiu como professora, Daiane antes de deixar o EA, estava fazendo o ENEM se preparando para ingressar na mesma universidade, Gustavo concluiu sua graduação em 2018, Cíntia e Caroline estão com o curso de teatro em andamento e Maiara está concluindo a graduação em Licenciatura em Dança. Gabrielle, Maiara, Cíntia e Caroline se tornaram professoras no seu primeiro ano de faculdade. Gustavo não, se tornou monitora no segundo ano e ficou um ano afastado.

Em 2016 eu trabalhei como monitora do Fernando em Viamão e no final desse ano eu tava no meu terceiro e quarto semestre [da faculdade] e foi que eu conheci outras pessoas trans e vi que era possível as coisas se realizarem e que eu poderia um dia ser quem um dia eu imaginei. E aí foi em 2017 que eu comecei a transição e daí eu contei para os meus pais tudo e eu fiquei com muito medo de fazer a transição dentro do Espaço da Arte, dentro de uma sala de aula. Porque era um ano que tudo ia mudar, tudo! E eu ia terminar o ano de uma outra forma totalmente diferente. [...] E aí eu saí do Espaço da Arte e fiquei só atuando nas peças e não como professor. E aí em 2018 eu voltei e comecei a dar aula com a Carol e em 2019 eu estou dando aula com a Cíntia. (Gustavo, 2019)



Figura 27



Figura 28

Estar em uma sala de aula na frente de uma turma, para Gustavo, é estar exposto e sentir-se inseguro. Para ser professor é preciso saber lidar com essa situação e Gustavo não conseguia, estando desconfortável com uma aparência que não era desejada. A sua transição foi um momento fundamental para ele passar a gostar de ser professor, pois depois desse momento ele passou a sentir-se bem com o seu próprio corpo, ganhando, assim, mais confiança em si próprio e isso reflete no seu trabalho.

O professor responsável durante suas aulas ensina os alunos e, ao mesmo tempo, o seu o monitor que logo passará a ser seu colega de trabalho. E quando esse aprendiz está pronto para seguir seu próprio caminho dois diferentes caminhos têm seguido nos últimos anos dentro do EA: ele assume uma unidade sozinho, devido à demanda, como aconteceu com Gustavo em Lindolfo Collor (2019) e Caroline em Bom Princípio e Westfália (2019), Gabrielle em Vale Real e Alto Feliz (2016), Daiane em Sérico (2016), Fernanda nas unidades de Porto Alegre (2012) e eu no Colégio Bom Jesus Sévigné (2018) ou ele fica com o seu professor, mas dessa vez como colega e os dois conduzem a aula em duplas, como Cíntia e Maiara em Vale Real (2018), Gustavo e Cíntia em Tupandi (2019) e eu e Fernanda em Porto Alegre (2018).

5. CAPÍTULO V

5.1. Nasceu uma professora... ou uma borboleta!

Ter a chance de experimentar uma profissão como monitora foi essencial na decisão de se tornar professora para Caroline. Acompanhar o exemplo do Fernando lhe deu certeza de que era possível “viver de teatro”, pagando as contas e ainda fazendo algo prazeroso. Ela conta que nunca conseguiu se imaginar em uma profissão, contudo, quando enxergou que poderia trabalhar com o desenvolvimento humano utilizando o teatro, decidiu que seria professora. “Eu via o ser humano, não era mais o teatro pelo teatro”, explica Caroline.

O Pibid¹⁸ e os estágios obrigatórios que Gustavo fez na UERGS mudou a percepção dele sobre a docência. Ele entrou na universidade sem o objetivo de se tornar professor, mas sim, para se aprimorar como ator e diretor. “Foi no meu segundo ano de Pibid que eu comecei a tomar gosto pela licenciatura, porque eu acho que o retorno dos alunos, a forma como eles me recebiam nas escolas como eu chegava, o afeto que eles tinham e poder ver o crescimento deles.”, conta emocionado.

O crescimento dos alunos em suas performances no palco, depois dos retiros promovidos pelo EA, os relatos dos próprios alunos de como eles eram e como são agora, como o teatro transformou a vida deles. Esses aspectos fazem Gustavo querer ser professor e proporcionar isso para outras pessoas.

Cíntia também possuía a ideia de seguir apenas como atriz e tinha dúvidas sobre a docência. Entretanto, no final do seu primeiro ano como professora, ao ver os seus alunos apresentarem uma peça em que eles haviam trabalhado muito, mas que ela também fazia parte do processo e os conduziu a isso, somado aos prêmios que seus alunos ganharam em um festival de teatro estudantil, Cíntia teve certeza que era esse o caminho que queria trilhar.

¹⁸Segundo o site da CAPES (2019, p.1), “o Pibid é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas”.

A segurança do professor em relação a sua profissão influencia na sala aula: nas escolhas dos jogos, nas decisões de diretor nas montagens, na condução dos alunos ao longo do ano. Para isso, a transição de monitor para professor precisa correr de forma com que o professor se sinta seguro. E Gabrielle explica que a sua transição de monitora para professora foi gradual e lenta. O primeiro ano ela trabalhou em dupla com Maiara, que já era professora, em duas cidades e com Fernando em outra. No segundo ano, ela assumiu unidades sozinha, mas o Fernando ainda fazia visitas esporádicas para auxiliá-la.

A transição de Caroline foi parecida: ela assumiu o grupo dos alunos mais novos em Farroupilha, mas Fernando estava sempre presente nas aulas. Ela era a responsável por planejar a aula, nos momentos de montagem das cenas para a peça, Fernando ajudava-a a pensar, mas sempre ela executava com a turma. Também foi dar aula em Estrela junto com Daiane, pois ela já havia avisado que iria deixar o EA, então Caroline foi fazer a troca gradual de professora com a turma. No ano seguinte, assumiu as unidades com a ajuda do Gustavo como monitor e esse ano está como professora sozinha.

Fernanda em sua entrevista conta como foi a minha passagem de monitora à professora. Em 2017, ela queria deixar a unidade do Colégio Bom Jesus Sévigné e passar a regência das aulas para mim, fazendo desse ano uma transição. Contudo, surgiu a necessidade de um monitor de Novo Hamburgo sair de sua cidade e aprender mais com outro professor, então precisei no início de 2017 deixar essa unidade, retornando apenas no meio do ano. E em 2018, assumi como professora com o auxílio de um monitor. “E nasceu uma professora!”, conta Fernanda.

Já Daiane se destoa deste padrão devido à uma necessidade do Espaço da Arte. No seu primeiro ano como monitora, Fernando havia comentado que gostaria que ela fosse sua monitora no Colégio Santo Antônio, em Estrela, no ano seguinte, porém, no final de 2015, ele pediu para Daiane ser professora naquela unidade. Foi um choque para ela, pois não se sentia preparada. Dessa forma, ela não assumiu sozinha a unidade, conseguiu o auxílio de uma monitora.

A partir disso, a monitoria foi um pouco diferente do que as mencionadas anteriormente, os monitores dos “recém nomeados professores” serviam como um porto seguro, uma pessoas que o auxilie com a turma e troque experiências, a

tarefa de formar esse monitor se torna um pouco secundária. O professor ganha segurança com uma segunda pessoa junto em sua aula.

Como instrumentos de apoio, Daiane buscou os livros de pedagogia de teatro e tornou o Fernando o seu mentor, pedindo sempre conselhos e aprendendo a cada dia a ministrar aulas. Talvez essa etapa que foi muito rápida e cheia de desafios trazidos pelas unidades que ela assumiu logo em seguida tenha sido um dos motivos que a fez deixar o Espaço da Arte.

Ao perguntar o que é ser professora, Caroline e Fernanda possuem similaridades em suas respostas. As duas falam sobre a sua preocupação de ensinar além de técnicas teatrais, de educar o aluno aproximando-o o seu lado humano.

É bom, porque eu sinto muito que os alunos se apegam a nós e não só a aula, mas pelo o que a gente transmite para eles. Porque a gente tá lidando com crianças em formação, então às vezes ele não têm a responsabilidade em casa que eles vão ter na aula de teatro e de dança, eles não costumam ter regras que eles têm no teatro e na dança, eles conseguem ser outras pessoas no teatro. A gente contribui na formação do ser humano, deles como pessoas. E é isso que me dá energia de continuar. Eu estou trabalhando com crianças que serão adultos e **eu quero contribuir para que eles sejam boas pessoas**. (Fernanda, 2019, grifo nosso)

Na verdade eu me apaixonei por esse lado do “dar aula”, sabe? Porque realmente eu gostei de estar [na sala de aula], eu enxerguei algo além do teatro, consegui olhar para as pessoas e eu sempre gostei muito de estar ajudando de outras formas, mais do que ensinar algo de diferente do teatro, de **o que eu to ensinando vai mudar na vida dessa pessoa, sabe?** (Caroline, 2019, grifo nosso)

E Maiara e Daiane são questionadas sobre seguir uma profissão diferente. Mesmo Maiara seguindo como professora no Espaço da Arte e Daiane não, as respostas também não foram muito diferentes.

Ser professora pra mim é acordar de manhã cedo, independente da estação do ano, e ter a certeza de que eu tô fazendo o que eu amo. Acho que é por isso que eu continuo nessa profissão. De ter a dúvida de como vai ser a aula, eu nunca tenho certeza, porque pode ser um dia de chuva e os alunos estarem super bem ou um dia de sol e ele estarem super mal. Mas eu acho que a minha vida é isso: de não viver de uma certeza, sabe? **Eu não me imagino trabalhando em outro lugar, em outra profissão no caso, né**. Porque se eu fizer a mesma coisa todo dia, eu não tô criando e eu nasci pra criar. (Maiara, 2019, grifo nosso)

Eu não consigo me imaginar não-professora. [...] Em um momento foi professora de teatro, agora eu sou professora da educação infantil, futuramente eu vou ser da educação básica e do ensino médio. Eu acho que é isso. Na realidade eu acho que até pra isso o teatro me ajudou, porque era

a educação, era ser professora. Não, eu não me imagino fazendo outra coisa. (Daiane, 2019, grifo nosso)

Verifico em suas falas, e na minha própria trajetória, fatores semelhantes em relação à formação do professor. Acredito que além das oficinas de teatro, a universidade nos forma professores críticos, que prezam pela qualidade de ensino e enxerga o aluno como a possibilidade do futuro. Na sala de aula ensinamos teatro e também a ser humano, aprendemos a escutar e a entender de todos os diferentes ângulos as visões de mundo de cada turma. Quando eu estava no ensino médio, disse que nunca seria professora, que seria qualquer outra coisa, hoje não me imagino longe da educação, longe do teatro, longe dos meus alunos.

5.2. O teatro como instrumento transformador de vidas

A palavra “transforma” e seus derivados se repetiu em todas as entrevistas feitas. Nesse contexto, essa palavra está ligado ao teatro, às aulas, ao Espaço da Arte.

Eu, tanto quanto o Gu, acho que a gente tenta sempre ter uma igualdade entre eles [os alunos], fazer eles se entenderem, entenderem o que tá acontecendo nesse momento. Às vezes um se estressa e bate no outro, um belisca o outro, a gente senta e explica pra eles também sobre isso, faz eles entenderem que não é legal, sabe? Tanto com os adolescente também, às vezes eles têm umas crises. E acho que isso é muito legal como professor, porque a gente consegue conduzir eles, de maneira sutil, mas eles entenderem o que é certo, o que é errado, o que é bom e o que não é bom, levar eles para esse caminho. Nós, como professores, temos uma missão muito grande quanto a isso, porque hoje o mundo é muito fácil de se perder. [...] Acho que a gente tem uma ferramenta muito forte na nossa mão, que é essa ferramenta de transformação, de transformar eles e de eles perceberem o mundo com os outros olhos. (Cíntia, 2019)

E Cíntia percebe essa ferramenta surtindo naquele aluno que inicia o ano muito tímido e sem falar muito em grupo: ao longo das aulas o professor conquistando-o, incentivando-o a participar das atividades e, como resposta, ele vai “se soltando” e fazendo amigos e então, no final do ano, na apresentação, enxergar ele falando a suas falas, fazendo a suas marcações de cena e se divertindo, é enxergar a transformação.

Já Gustavo percebe a transformação em si. Ela está marcada em seu corpo, em suas roupas, seus cabelos, nos seus sentimentos e no seu sangue. Ao encontrar o teatro, encontrou a si mesmo em um lugar seguro.

Eu iniciei o teatro então como aluna, como uma menina. Quando eu falo de suportar isso, é bem isso, sabe? Porque no teatro eu usava as roupas que eu queria usar, eu usava boné e eu podia ser quem eu era de verdade, eu podia me expressar da forma que eu queria, que era diferente da escola. Na escola eu não podia me expressar na forma que eu queria, porque lá eu ia sofrer preconceito, eu sofri preconceito, eu sofri bullying. Eu tinha que ouvir muita coisa que eu não queria ouvir e assim era na rua. [...] Ou quando eu ia numa festa eu não podia me vestir assim por medo. E no teatro não, no teatro isso era incrível, porque lá ninguém se importava com isso e os personagens que eu fazia não tinham isso, eu podia fazer um menino como podia fazer uma menina. Então lá eu me sentia bem. O meu amor foi crescendo por causa disso. (Gustavo, 2019)

Gabrielle e Maiara falam em transformar a vida dos alunos levando o teatro para onde, sem elas, ninguém teria acesso. “A gente ia pro interior, onde não conseguia chegar de carro, a gente ia com a van com os alunos e depois vinha um carro da prefeitura nos buscar. A gente ia ao extremo, onde os alunos não saíam de casa pra nada”, conta Gabrielle. Essas aulas não serviam para formar atores e atrizes profissionais, nem eram só uma atividade extracurricular que os pais deixam os filhos enquanto trabalham, muito menos uma recreação. Elas proporcionam experiências em grupo e crescimento pessoal, tanto para os alunos, quanto para as professoras.

Há três anos trabalho com um aluno chamado Guilherme, hoje ele está com 10 anos, e quando ele começou a fazer teatro brigava muito na aula, principalmente nas atividades que envolviam algum tipo de competição. No primeiro ano, ele batia nos colegas, no segundo, passou a apenas discutir e sair da sala para se acalmar e atualmente ele escolhe não fazer esse tipo de jogo e reconhece que não sabe perder, então pede para auxiliar as professoras. Essas mudanças foram possíveis depois de muita conversa, jogos cooperativos e caminhadas pelo colégio escutando o que ele estava sentindo.

Esse comportamento refletiu não só nas aulas de teatro, mas também, na sala de aula. Professores e a própria direção comentam que o comportamento dele mudou, amadureceu. Um momento essencial para essa mudança foi uma

apresentação em que ele foi o personagem principal: os seus colegas ao verem ele atuando daquela forma, mudaram o jeito com que olhavam para Guilherme e passaram a admirá-lo. Fernanda também conta esse caso em sua entrevista com bastante orgulho. Acredito que essas são as grandes vitórias de ser professora.

Eu quero que os meus alunos, quando eles crescerem, quando eles tiverem responsabilidades, que eles possam ser quem eles são de verdade, que eles possam ser tão felizes quanto, que eles se realizem, que eles alcancem os objetivos deles. Mesmo que seja fora do teatro, o que acontece muitas vezes, mas que o teatro seja uma ferramenta para a vida deles, que o teatro seja incluso do dia-a-dia deles da forma com que eles vão lidar com as coisas, que eles lembrem das amizades, das conexões, das relações que eles fizeram. Para mim é isso, sabe? **É a transformação que acontece em mim e que vai acontecer neles.** (Gustavo, 2019, grifo nosso)

Ser professor é ser generoso, dedicar horas de estudo à sua própria formação para depois formar o outro. É vislumbrar o futuro nos alunos e batalhar para que ele se concretize. Não é fácil, estar em uma sala de aula é se expor, é tentar lidar com o turbilhão de emoções que uma turma trás. Por trás de um exercício de improvisação teatral tem uma vida, na maioria das vezes essa vida reflete na cena e junto vão os seus problemas e dúvidas. Cabe ao professor ter sensibilidade e usar o teatro como instrumento para o autoconhecimento e para a mudança interna. Cabe a mim, à Fernanda, à Maiara, à Cíntia, à Caroline, ao Gustavo, ao Fernando e aos próximos monitores e professores.



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metamorfose

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa foi possível verificar questões relacionadas à insegurança de seguir na carreira de docente levando em consideração estabilidade financeira, dúvidas sobre a carreira artística e falta de prática em sala de aula. Tais aspectos fazem todos refletirem sobre a sua formação tanto acadêmica quanto os conhecimentos adquiridos durante as aulas, informalmente.

É preciso destacar que a formação adquirida por meio da universidade e aquela que um professor passa para o seu monitor não são excludentes. Uma complementa a outra. Na verdade, o professor prepara o seu monitor para a universidade, dando-lhe experiência e direcionando o seu olhar. Uma semelhança na minha trajetória, hoje observo que me apropriei muito mais dos conceitos ao ter a chance de colocá-los em prática nas oficinas em que ministrava.

Este trabalho surge como uma prova para a comunidade acadêmica de que essa profissão é possível, existe, transforma as pessoas e possui profissionais muito qualificados e fazendo o que amam. E que possa fomentar mais sonhos e oportunidades para os futuros professores que enfrentam esse difícil caminho.

Particularmente, posso falar que essa pesquisa também me ajudou a preencher uma lacuna na minha história de vida. Ao investigar a vida dos meus colegas de trabalho, consegui descobrir o que eu havia perdido no tempo em que fiquei de fora do Espaço da Arte. Foram seis anos, seis anos que essa associação se modificou e em todas as reuniões alguém comentava algum fato antigo e eu não tinha vivenciado. Ouvir esses relatos agora é como se eu estivesse lá como espectadora e isso fez com que a minha curiosidade, a cada história contada, aumentasse mais.

Concluo que a importância de contar sobre a existência desse grupo de pessoas e suas vivências singulares é mostrar profissionais “tocados” com o seu próprio trabalho, emocionados com o que fazem e satisfeitos, o que parece estranho encontrar levando em consideração ao cenário que temos atualmente no Brasil.

Essas pessoas me fazem resistir e existir sendo professora, em ter esperanças de alcançar cada vez mais alunos e ter cada vez mais pessoas melhores no mundo. Esse trabalho me fez refletir sobre a minha prática docente, o quanto de conhecimento passado por todos os meus professores “levo” comigo para a sala de aula hoje e como quero que a minha prática seja lembrada por cada aluno.

Esse movimento tem mexido com as pessoas. Alunos se apaixonam pelo teatro e pelo educar, possuindo o teatro como ferramenta e se tornam professores, honrando os ensinamentos que fizeram e proporcionando essa experiência para outros alunos que um dia poderão vir a ser professores e futuros colegas de trabalho.

No dia 19 de setembro de 2019, eu havia terminado uma aula em um dos colégios onde trabalho e estava fechando a sala com a ajuda de uma aluna, Carol, 10 anos. Ela está no teatro há três anos, no primeiro ela quase não falava, ela conta até hoje que tinha apenas uma fala na peça; no segundo ano, coloquei ela como uma das personagens que mais falava e que tinha uma personalidade forte, ela se transformou; no terceiro ano, agora, ela escolheu um personagem forte e gosta de dar dicas de direção. E nesse final de dia, ela me disse que o sonho dela era ser professora de teatro do Espaço da Arte. Me arrepiei.

É um ciclo que se completa. Eu fui inspirada pelos professores que passaram por mim, fiquei anos fazendo teatro, fui monitora, busquei uma faculdade de teatro, me tornei professora e agora inspiro meus alunos. Quem sabe em alguns anos a Carol se torna minha monitora? Quem sabe em alguns anos outros alunos se tornam professores e meus colegas de trabalho? Quem sabe cada vez mais pessoas tenham acesso à arte?

“Atores são mais felizes, são pessoas boas” e professores são mais felizes quando seus alunos se tornam pessoas boas.

ANEXOS

ANEXO I - ESTÍMULOS PARA A CONVERSA DA ENTREVISTA: **Gustavo, Cíntia, Caroline e Maiara**

1. Nome completo
2. Cidade natal
3. Ano de ingresso no Espaço da Arte como aluno(a)
4. Ano de ingresso no Espaço da Arte como professor(a)
5. Formação Ensino Superior
6. Unidades em que atua como professor(a) pelo Espaço da Arte
7. Em qual momento decidiste fazer oficina de teatro e por quê?
8. A oficina do Espaço da Arte foi o teu primeiro contato com o teatro? Se não, onde e como foi?
9. Como foi a sensação de estar no palco como atriz/ator pelas primeiras vezes? É igual a que sente hoje em dia?
10. Como era o espaço em que ocorriam as aulas das oficinas?
11. Quem eram os professores que ministravam as oficinas? Algum te marcou mais? Sabes por quê?
12. Como eram as aulas (procedimentos didáticos, textos trabalhados)?
13. Há algum jogo ou exercício marcante que ficou na tua memória?
14. Como era o convívio com os teus colegas?
15. Lembras de alguma situação peculiar?
16. Havia alguma expectativa profissional em relação ao teatro (ser atriz/ator, professor/professora, diretor/diretora) enquanto fazia as oficinas?
17. Em que medida tu achas que as oficinas de teatro influenciam a tua atuação profissional hoje?
18. Em que momento decidistes fazer faculdade de teatro (ou dança) e por quê?
19. O que te motivou a escolher a licenciatura?
20. O que há em comum entre as oficinas de teatro e o curso de graduação?
21. O que difere as oficinas de teatro do curso de graduação?
22. Em que momento decidiste voltar para o Espaço da Arte como professor (a)?
23. Trabalha em outro lugar além do Espaço da Arte?
24. O que de diferente o Espaço da Arte tem em relação a outras escolas e oficinas de teatro?
25. Notas diferença na pedagogia teatral que viste nas aulas como aluna e na que trabalha hoje?
26. Como é para ti a experiência de ser professor(a)?
27. Consideras que o Espaço da Arte marcou a tua vida? Se sim, de que forma?
28. Há algo que tu gostarias de falar sobre o Espaço da Arte, ou sobre outro aspecto da tua formação, para complementar a entrevista?

ANEXO II - ESTÍMULOS PARA A CONVERSA DA ENTREVISTA: **Gabrielle e Daiane**

1. Nome completo
2. Cidade natal
3. Ano de ingresso no Espaço da Arte como aluno(a)
4. Ano de ingresso no Espaço da Arte como monitor(a)
5. Ano de ingresso no Espaço da Arte como professor(a)
6. Formação de ensino
7. Onde trabalha agora?
8. Unidades em que atuou como professor(a) pelo Espaço da Arte
9. Tu lembras como foi o teu primeiro contato com o teatro?
10. Em qual momento decidiste fazer oficina de teatro e por quê?
11. Como ficou sabendo as oficinas do Espaço da Arte?
12. Como foi a sensação de estar no palco como atriz/ator pelas primeira vez? É igual a que sente hoje em dia?
13. Como era o espaço em que ocorriam as aulas das oficinas?
14. Quem eram os professores que ministravam as oficinas? Algum te marcou mais? Sabes por quê?
15. Como eram as aulas (procedimentos didáticos, textos trabalhados)?
16. Há algum jogo ou exercício marcante que ficou na tua memória?
17. Como era o convívio com os teus colegas?
18. Lembras de alguma situação peculiar?
19. Havia alguma expectativa profissional em relação ao teatro (ser atriz/ator, professor/professora, diretor/diretora) enquanto fazia as oficinas?
20. Como tu virastes monitora do Espaço da Arte? Esse desejo veio de ti?
21. Qual era o papel do monitor? Como funcionavam as aulas?
22. Em quais unidades tu atuou?
23. Como foi se tornar professora?
24. Chegou a participar de algum retiro? Como aluna ou como professora?
25. E o Encontro da Arte?
26. Em algum momento pensaste fazer faculdade de teatro (ou dança)?
27. Quando saístes do Espaço da Arte teve outro contato com o teatro?
28. O que te fez trocar de área de trabalho?
29. Vê alguma relação do teu trabalho atual com o teatro?
30. Como fica gravada na tua memória essa fase?
31. Consideras que o Espaço da Arte marcou a tua vida? Se sim, de que forma?
32. Há algo que tu gostarias de falar sobre o Espaço da Arte, ou sobre outro aspecto da tua formação, para complementar a entrevista?

ANEXO III - ESTÍMULOS PARA CONVERSA: **Fernando**

1. Nome completo
2. Cidade natal
3. Formação Ensino Superior
4. Unidades em que atua como professor pelo Espaço da Arte
5. Trabalha em outro lugar além do Espaço da Arte?
6. Tu lembras como foi o teu primeiro contato com o teatro?
7. Como foi a sensação de estar no palco como pela primeira vez? É igual a que sente hoje em dia?
8. Tu fez aulas de teatro quando criança/adolescente?
9. Como eram essas aulas? Onde eram? Quem eram os professores? Lembra da metodologia usada?
10. Em que momento decidiste fazer faculdade de teatro e por quê?
11. O que te motivou a escolher a licenciatura?
12. Como surgiu o Espaço da Arte?
13. Quem eram os professores? Como era a relação entre eles?
14. Como as reuniões funcionavam e os trabalhos?
15. Em quais unidades tu atuava?
16. Como era o espaço em que ocorriam as aulas das oficinas?
17. Como eram as aulas (procedimentos didáticos, textos trabalhados)? Era diferente de hoje?
18. Como surgiram os retiros? Qual era o objetivo deles no início e agora?
19. E o Encontro da Arte? Qual era o objetivo dele no início e agora?
20. Por que não ficar somente focado nas aulas?
21. Como surgiu o Núcleo de Formação de Atores? Qual a finalidade? Como eram os encontros?
22. Quando tu começou a ter um monitor nas tuas aulas? Por que ter um monitor na sala de aula?
23. Como foi o processo de escolha? Havia critérios?
24. Como funcionava o processo do aprendizado do monitor? Que tarefas tu achava fundamental que ele cumprisse?
25. Como é pra ti ver os alunos (que passaram por monitores) se tornarem professores e colegas de trabalho?
26. Tu foi professor de alguém da equipe em algum momento? Tu lembra deles como alunos?
27. Lembras de alguma história peculiar sobre alguém?
28. Como foi acompanhar o crescimento deles?
29. Tu já deu aula em outros lugares?
30. Tu já pensou em trabalhar em uma escola regular?
31. O que de diferente o Espaço da Arte tem em relação a outras escolas e oficinas de teatro ou dança?

32. Como é para ti a experiência de ser professor?
33. Qual o diferencial da nossa equipe?
34. Acredita que o fato dos professores terem sido alunos influencia na relação entre os membros da equipe?
35. Na tua opinião, o que faz os alunos se tornarem professores?
36. Em algum momento pensou em desistir de dar aula ou de continuar com o EA?
37. O que te faz estar nessa posição por todos esses anos?
38. Para quê o Espaço da Arte existia no início? Isso permanece nos dias de hoje?
39. Imaginavas que a associação teria esse tamanho?
40. Hoje tu vive apenas de teatro?
41. Que relação essas outras tarefas tem com a arte e com o Espaço da Arte?
42. Há algo que tu gostarias de falar sobre o Espaço da Arte, ou sobre outro aspecto da tua formação, para complementar a entrevista?

ANEXO IV - ESTÍMULOS PARA A CONVERSA DA ENTREVISTA: **Fernanda**

1. Nome completo
2. Cidade natal
3. Ano de ingresso no Espaço da Arte como monitora(a)
4. Ano de ingresso no Espaço da Arte como professor(a)
5. Formação Ensino Superior
6. Unidades em que atua como professor(a) pelo Espaço da Arte
7. Trabalha em outro lugar além do Espaço da Arte?
8. Tu lembras como foi o teu primeiro contato com o teatro e com a dança?
9. Como foi a sensação de estar no palco como pela primeira vez? É igual a que sente hoje em dia?
10. Em que momento decidiste fazer faculdade de dança e por quê?
11. O que te motivou a escolher a licenciatura?
12. Como tu conheceu o Espaço da Arte?
13. Tu iniciou como professora desde o início?
14. Quem eram os professores? Como era a relação entre eles?
15. Como as reuniões funcionavam e os trabalhos?
16. Em quais unidades tu atuava?
17. Como era o espaço em que ocorriam as aulas das oficinas?
18. Como eram as aulas (procedimentos didáticos, textos trabalhados)? Era diferente de hoje?
19. Nessa época o Espaço da Arte só oferecia aulas de dança ou teatro?
20. Como surgiram os retiros?
21. Como era o Encontro da Arte?
22. Tu participou do Núcleo de Formação de Atores do EA, como foi?
23. Como foi a experiência como monitora?
24. Quando tu começou a ter um monitor nas tuas aulas? Por quê ter um monitor na sala de aula?
25. Como foi o processo de escolha? Havia critérios?
26. Como funcionava o processo do aprendizado do monitor? Que tarefas tu achava fundamental que ele cumprisse?
27. Como é pra ti ver os alunos (que passaram por monitores) se tornarem professores e colegas de trabalho?
28. Tu foi professora de alguém da equipe em algum momento? Tu lembra deles como alunos?
29. Lembras de alguma história peculiar sobre alguém?
30. Como foi acompanhar o crescimento deles?
31. Hoje tu não sente mais necessidade de ter um monitor? Nós trabalhamos em dupla na maioria das unidades, o que te faz preferir trabalhar assim e não sozinha?

32. Tu já trabalhaste na escola regular como professora de arte. Como foi essa experiência? O que te fez ir para lá e o que te fez sair depois?
33. O que de diferente o Espaço da Arte tem em relação a outras escolas e oficinas de teatro ou dança?
34. Como é para ti a experiência de ser professor(a)?
35. Consideras que o Espaço da Arte marcou a tua vida? Se sim, de que forma?
36. Há algo que tu gostarias de falar sobre o Espaço da Arte, ou sobre outro aspecto da tua formação, para complementar a entrevista?

ANEXO V - TERMOS DE CONSENTIMENTO INFORMADO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A pesquisa Espaço da Arte: A transformação do aluno de teatro em professor realizada por Isadora Fraga Ribeiro para fins de conclusão do curso de graduação em Teatro Licenciatura, conta com a orientação da Prof. Dra. Luciana Éboli.

O principal objetivo da pesquisa consiste em investigar o processo de transformação do aluno de teatro do Espaço da Arte em professor na mesma instituição.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as entrevistas e as suas posteriores transcrições.

Os dados e resultados da pesquisa serão utilizados apenas para fins acadêmicos e com a devida autorização dos entrevistados. E a participação na pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada.

Trechos das entrevistas farão parte de um documentário que será exibido junto com a apresentação dessa pesquisa, para tanto, autorizo o uso da minha imagem e voz.

Como pesquisadora responsável pela pesquisa, comprometo-me a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida que o participante venha a ter no momento da coleta de dados ou posteriormente.

Eu....., RG
após ter sido devidamente informado (a) de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora responsável
RG da pesquisadora:

_____, ____ de _____ de 2019.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Maria Paula. **Mais do que uma inscrição, um convite especial pra você.** Texto não publicado. Novo Hamburgo, 2019.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ESPAÇO DA ARTE. **Quem somos.** Disponível em: <<https://espacodaarte.org.br/quemsomos/>>, Acesso em: 26.mai.2019.

FERREIRA, TAÍS. **A escola no teatro e o teatro na escola.** Porto Alegre: Mediação, 2006.

FUNDAÇÃO CAPES. **Pibid.** Disponível em: <<http://capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>, Acesso em: 01.10.2019.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Viver para contar.** Rio de Janeiro, Record, 2003.

GUIRALDELLI, Reginaldo. **Contribuições Metodológicas da História Oral para a Pesquisa em Serviço Social.** Emancipação, Ponta Grossa, 13, nºEspecial: 121-131, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

ICLE, Gilberto. **Problemas teatrais na educação escolarizada: existe conteúdos em teatro?** Revista Urdimento. nº17, setembro de 2011.

INSTITUTO ESTADUAL DE ARTES CÊNICAS. **Festivais: Mapeamento dos festivais de teatro amador do interior do RS.** Disponível em: <<https://ieacen.wordpress.com/mapeamento/festivais/>>, Acesso em: 15.ago.2019.

KAUFMANN, Jean-claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo.** Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe B, RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias.** São Paulo: Contexto, 2011.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Bondía Universidade de Barcelona. Jan/Fev/Mar/Abr, Nº 19. Espanha, 2002.

RIBEIRO, Isadora Fraga. **Eu que fiz**. Texto não publicado. Porto Alegre, 2013.

TELEDRAMATURIGIA. Balacobaco. Disponível em:
<<http://teledramaturgia.com.br/balacobaco/>>, Acesso em: 15.ago.2019.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Brincadeira e conhecimento: do faz-de-conta à representação teatral**. Porto Alegre: Mediação, 2ª edição, 2004.

_____. **Shakespeare enfarinhado: Teatro, jogo e aprendizagem**. São Paulo: Hucitec; 2012.

SATED RS. Disponível em: <<http://satedrs.org.br/>>, Acesso em: 20.ago.2019.

SILVA, Giuslane Francisca da. **HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz. Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013**. Aedos, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, Ago. 2016.

WOLKMER, Juliana. **Formação em Teatro na UFRGS (1960-1973): Memórias de Tempos de Ousadia e Paixão**. Porto Alegre, 2017.